

ÁTICA

Dolores Garcia Carvalho

e

Manoel Nascimento

GRAMÁTICA HISTÓRICA

COLEGIAL e VESTIBULARES

A Gramática Histórica tem sido, entre nós, considerada uma das matérias mais árduas do curso secundário, chegando mesmo a provocar em muitos estudantes repulsa pelo estudo dos fatos lingüísticos do nosso idioma. A razão maior dêsse fenômeno é certamente a ausência de compêndios especializados ao alcance dos jovens que pela primeira vez se adentram nos mistérios da origem e evolução da língua nacional. Os livros — poucos — que circulam, devido à excessiva erudição e ao nível demasiadamente elevado, têm-se afastado dessa destinação. Obras que promovem os primeiros contactos do aluno com matéria nova, deverão, além de ministrar conhecimentos, despertar o interesse e o gosto do aluno.

A GRAMÁTICA HISTÓRICA, de autoria dos professôres Manoel Nascimento e Dolores Garcia Carvalho, vem preencher, de modo satisfatório, a lacuna existente há muito tempo no campo de estudos lingüísticos de nível médio. Elaborada a partir das aulas ministradas em classe ao longo dos anos, a obra obedece a um plano que atende a todos os requisitos da didática moderna, visando não apenas ao ensinamento teórico da matéria, como também a sua aplicação prática através de inúmeros exercícios e questionários. A par disso cumpre salientar a linguagem límpida, objetiva em que o trabalho é vazio, facilitando sobremaneira a comunicação.

A "Editôra Ática" orgulha-se de oferecer êsse lançamento aos estudantes do ciclo colegial e aos candidatos a vestibulares, bem como aos professôres. A presente obra em sua 7.^a edição — a Editôra tem certeza — continuará proporcionando aos estudantes segurança no aprendizado da gramática histórica da língua pátria e servindo como roteiro prático e eficiente aos professôres da cadeira de Português.

Revisão tipográfica: Avelino Antônio Correia

Do autor

Curso Completo de Português (em colaboração com os professores Jorge Miguel e Antônio Medina Rodrigues), 1.^a edição, São Paulo, Editôra Ática, 1965; 4.^a edição, São Paulo, Editôra Ática, 1969.

Morfologia e Sintaxe Latina — 1.^a edição, São Paulo, Sesil Editôra, 1961 (esgotada)

Textos Latinos — 1.^a edição, São Paulo, Sesil Editôra, 1961 (esgotada)

GOIÂNIA - PAPELARIA KITE - COM. IND. LTDA.
Rua Quatro n.º 270 - Centro - 6-2018
EXEMPLAR DESTINADO A
EXAME PELO PROFESSOR
VENDA PROIBIDA

N.º 07471

1971

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA EDITORA ÁTICA LTDA.
PÇA. CARLOS GOMES, 120 - TELEFONES: 32-3436, 33-2039, 36-7892
CAIXA POSTAL, 8656 - ENDERÊÇO TELEGR. "BOMLIVRO" - S. PAULO.

A P R E S E N T A Ç Ã O

O professor Vandick Londres da Nóbrega, referindo-se à extinção do latim nos currículos ginasiais e colegiais, escreveu que “os responsáveis pela fixação das diretrizes da educação nacional, em nome de uma hipotética liberdade, feriram profundamente os ensinamentos clássicos”.

E o mesmo eminente catedrático do Colégio Pedro II exorta a “mocidade indefesa e atingida pelo arbítrio e pela imprudência de maus condutores” a que “consiga resistir à tentativa de extermínio de uma formação humanística” no Brasil.

Em face de tão pouco lisonjeira realidade nacional — fato que, em parte, torna incongruente a exigência do estudo de gramática histórica — constatamos que a formação cultural do nosso estudante vem se mostrando, dia a dia, mais periclitante.

A geração mōça corre então o risco de ser, como já o classificou alguém, “uma juventude sem palavras”, queremos dizer, uma juventude, cujas palavras são ôcas, porque elas já não têm aquela força de expressão ou adequação de sentido que só o conhecimento etimológico ou semântico lhes pode conferir.

É de se notar como vão caminhando com passos vacilantes os nossos ginasianos e colegiais no domínio dos fatos atuais de nossa gramática, quer na formação e no étimo de nosso léxico quer na estruturação sistemática da morfologia quer ainda na tessitura de nossa exuberante sintaxe.

Nestas contingências, êste compêndio de gramática histórica tem uma função supletiva, no sentido de levar ao estudante os subsídios indispensáveis para que êle possa sentir melhor a razão ou a justificativa dos fatos lingüísticos atuais, donde esperamos que lhe resulte maior amor e zêlo para com nosso idioma pátrio.

Os Autores

INTRODUÇÃO

A Gramática Histórica tem por objeto o estudo das transformações de uma língua no tempo e no espaço.

CONCEITOS DIVERSOS

1 — Linguagem no sentido lato é todo sistema de sinais que podem servir para a comunicação entre indivíduos.

Assim podemos falar em «linguagem dos animais» ou em vários outros sistemas de linguagem entre os homens, como a gesticulada ou mímica, a que se faz através de símbolos: brações, bandeiras, sinais de tráfego, e até mesmo através dos sentidos (olfato, tacto, etc.).

No sentido estrito, porém, linguagem, aquela que constitui o objeto da lingüística, restringe-se à linguagem humana articulada, isto é, «um sistema natural de palavras de que a humanidade se serve para comunicação de suas idéias e pensamentos».

Observamos, pois, que:

- a) a função da linguagem é ser instrumento da intercomunicação social;
- b) ela é uma propriedade característica do ser humano;
- c) não pode haver sociedade sem linguagem.

2 — Língua «é a linguagem particularmente usada por um povo».

Assim, podemos falar em língua portuguesa, francesa, etc., e não linguagem portuguesa, francesa, etc..

Quanto ao uso uma língua pode ser:

- a) **Viva** é a que serve de instrumento diário de comunicação entre os indivíduos componentes de uma nação: o Português, o Francês, etc.
- b) **Morta** é a que não mais é falada, mas da qual temos conhecimento através de documentos escritos. Ex.: o Grego Clássico, o Latim, o Dalmático (a partir de 1898).
- c) **Extinta** é a que desapareceu sem deixar memória documental. Ex.: O indo-europeu.

3 — Classificação das Línguas (1)

A glotologia distribui as línguas em grupos ou famílias. Para essa classificação têm sido adotados quatro principais critérios:

- a) o critério geográfico agrupa as línguas pelas regiões do globo em que são faladas: línguas da Europa, da Ásia, da África, da América e da Oceânia. Tal critério, porém, não goza de valor científico em face das migrações e entrelaçamentos dos povos.
- b) o critério etnológico distribui as línguas pelas raças que as falam. Visto, porém, que atualmente as línguas não coincidem com as raças, tal critério não leva vantagem sobre o anterior.
- c) o critério morfológico reúne as línguas tomando por base a estrutura de seus vocábulos.

Segundo o critério morfológico, as línguas se classificam em:

- 1.º) línguas monossilábicas, isolantes ou radicais, em que as palavras são monossílabos isolados e inalteráveis, chamados raízes. Nessas línguas não há declinações nem conjugações; nomes e verbos distinguem-se pela posição que guardam na frase e pelas palavras denotativas que os condicionam. Muitos glotólogos supõem serem as línguas monossilábicas o ponto de partida para todas as demais línguas. As línguas monossilábicas mais importantes são o Chinês, o Siamês e o Anamita.
- 2.º) línguas aglutinantes ou aglomerantes em que os radicais se aglomeram sem se fundir completamente, para formar termos compostos que exprimam relações diferen-

(1) O total das línguas conhecidas e estudadas no mundo atinge a casa dos três mil.

tes. Nessas línguas também não há declinações e conjugações; todas as flexões nominais e verbais se exprimem por meio de partículas combinadas às palavras. Entre as línguas aglutinantes estão o Tupi-guarani, o Húngaro, o Turco, o Japonês e o Coreano.

- 3.º) línguas flexivas ou orgânicas em que as palavras sofrem modificações em suas formas para exprimirem os acidentes das idéias: gênero, número, grau, tempo, pessoa e modo; ou funções sintáticas. As flexões podem ocorrer no final das palavras como em «gato» «gata» «gatinho» ou na parte interna da palavra como «foot» «feet», «goose» «geese» do Inglês e «faz» «fiz» «fêz» do Português; neste caso, chamam-se **Inflexões**. Cerca de um bilhão de pessoas praticam esse tipo de língua, pois todas as línguas indo-europeias são flexivas.
- d) o critério genealógico reúne as línguas segundo o grau de parentesco que apresentam entre si. Este critério é considerado o mais científico e racional dentre todos. Foi exatamente pelo critério genealógico da classificação das línguas que se chegou à conclusão da existência da famosa unidade lingüística: **O Indo-europeu**.

4 — **Dialeto**. Esta é a definição proposta pelo Dr. J. Mattoso Câmara Jr.: «dialeto é a modificação regional de uma língua, ou ainda, são línguas regionais que apresentam entre si coincidências de traços lingüísticos essenciais.»

Causas da dialeção de uma língua

Admitia-se no passado que as fronteiras naturais (oceanos, rios ou montanhas) ou também as divisões políticas causassem «ipso facto» o dialeto. Entretanto, segundo o Dr. Silveira Bueno, estes fatores são meramente extrínsecos, e que por si sós não são suficientes para a formação do dialeto. Está provado que «os Andes não conseguiram estabelecer absoluta separação dialetal entre o Chile e a Argentina, entre o Chile e o Peru, ou entre o Peru e a Bolívia.

De igual modo a separação política, entre Bélgica e a Suíça em relação à França, provocou diferenciações fonéticas e semânticas, mas que não chegam a solidificar absoluta separação. Logo, é preciso que, a par desses fatores extrínsecos, concorra o elemento intrínseco: o **substrato lingüístico**.»

5 — O Dialeto Brasileiro

O problema assim se propõe: Deverá o Português do Brasil ser considerado dialeto em relação ao de Portugal?

A resposta é afirmativa, porquanto ambas as causas, tanto extrínseca quanto intrínseca, que concorrem na formação do dialeto, verificaram-se no Português do Brasil em face ao europeu.

Efetivamente, a língua portuguesa que entrou no Brasil no século XVI, fase do português arcaico, mesclou-se necessariamente do indigenismo — substrato próprio do nosso meio — o qual, depois de feita a separação da nossa comunidade pela independência política, pôde desenvolver-se livremente, causando grandes diferenças fonéticas e semânticas no Português do Brasil em face ao europeu.

O Brasileiro é, portanto, o maior dialeto da língua portuguesa.

6 — O Indo-Europeu

Em vista do parentesco observado entre as línguas da Ásia e da Europa, e suas derivadas, conclui-se ter existido um idioma primitivo como unidade comum, e que convencionalmente se chamou Indo-europeu. A este tronco lingüístico pertenceu o ramo itálico, que teve como línguas o **Oscó**, o **Úmbrio** e o **Latim**. Deste último vão se originar tôdas as línguas românicas, dentre elas o Português.

DEUSDEDET R. CORRÊA
BUA 70 Nº 423 — B. POPULAR
— GOIÂNIA — GO.

A LÍNGUA LATINA

Suas origens remontam ao séc. VII a. C. e seu período final alcança o séc. V d. C.

Históricamente, o Latim se enquadra no período que vai da fundação de Roma até a queda do Império Romano do Ocidente.

O Latim, que teve as suas origens no «Latium» — região central da Itália —, entre humildes pastores e rústicos agricultores, foi absorvendo os demais falares itálicos a ponto de tornar-se a língua nacional de todo o Império Romano.

Mas, como acontece em tôdas as línguas, o Latim não era rigorosamente uniforme em todo o país. Porventura não é notável a diferença de falas entre as diversas regiões do Brasil? Ademais, quando o povo usa despreocupadamente o seu idioma, prescinde dos rigorosos preceitos gramaticais a que o submetem os literatos e escritores. É o que diz Serafim da Silva Neto: «uma língua tem dois empregos distintos: o literário, quase sempre escrito, usado pelos artistas da palavra e pela sociedade culta, difundido nas escolas e Academias — e o popular, falado quase sempre, de que se serve o povo despreocupado e inculto».

MODALIDADES DO LATIM

Não fugindo a essa regra geral acima apontada, existiam em Roma duas modalidades lingüísticas acentuadamente distintas:

1. O Latim Clássico «Sermo Urbanus». — Sempre escrito e como que estereotipado pelo rigor dos literatos, é a língua das escolas ou Academias.

2. O Latim Vulgar «Sermo Vulgaris» — É a linguagem do povo que transmite espontaneamente suas idéias sem a preocupação de submeter a fala ao cinzel dos preceitos gramaticais.

Convém notar que não eram duas línguas diferentes, não apenas duas modalidades da mesma língua; nem se julgue que o Latim Vulgar fôsse conseqüente ao Latim Literário, pois ambos existiam simultaneamente e paralelamente. Provas disto temos explícitas «causas agimus subtilius, ornatius, epistolae vero cotidianis verbis texere solemus» (Cícero).

É Santo Agostinho escreve: «Quod latine dicitur os, vulgus ossum dicit».

Ora, êsse linguajar do povo, corrente entre as diversas classes da sociedade romana, tinha que apresentar defeitos e diferentes aspectos, conforme manejado pela classe média (latim familiar), pela classe baixa (latim plebeu), pelos soldados (latim castrense), pelos marinheiros (latim náutico), pelos operários (latim proletário), e, enfim, pelos camponeses (latim rural). É nesse sentido que entendemos o que se disse que «a designação Latim Vulgar não conceitua uma língua, mas um conglomerado de falares de vários tipos». É exatamente dêste Latim Vulgar e não do literário, que procedem as línguas românicas, entre as quais o Português.

NOTA: — Além do Latim Literário e do Vulgar, distinções que para o nosso estudo mais diretamente importam, conhecemos ainda duas outras modalidades:

a) O Baixo-Latim — É o latim dos Padres da Igreja da Idade Média, que, preocupados com a formação moral de suas ovelhas, preferiam antes ser entendidos com seu linguajar simples, a ser ignorados com sua eloqüência.

b) O Latim Bárbaro — Exclusivamente escrito, era o latim dos copistas da Idade Média. Chama-se bárbaro porque mesclado de vocábulos romances e provinciais.

DIFERENÇAS FUNDAMENTAIS ENTRE O LATIM CLÁSSICO E O LATIM VULGAR

1. Na Fonética — Havia geral tendência entre o povo para evitar os vocábulos proparoxítonos, fazendo-os paroxítonos.

Latim Clássico		Latim Vulgar		Português
álacrem	>	alácre	>	alegre
cáthedram	>	cathédra	>	cadeira
pónere	>	ponére	>	pôr
condúcere	>	conducére	>	conduzir

2. No Léxico — Predominância de uso de vocábulos mais populares e afetivos com sufixos diminutivos. Assim:

Ignis que significa propriamente fogo, foi substituído por focu, cujo sentido era de fogo doméstico, lar.

Equus que no Latim Clássico significava cavalo, nunca foi usado pelo povo, que o substituiu por **caballu** que designava animal de trabalho e tinha um certo cunho pejorativo.

Auris foi substituída pela forma diminutiva **auricula**, de cujas evoluções temos em Português: **orelha**.

Genu foi substituído por **genuculu**, dando em português arcaico **goelho** e depois **joelho**.

3. Na Morfologia — Verifica-se uma geral tendência para o uso de formas analíticas:

a) mediante emprêgo de pronomes demonstrativos e do numeral **unus** com o valor de determinativos (artigo definido e indefinido). Enquanto no Latim Clássico se dizia, por exemplo, **liber**, o Latim Vulgar preferia dizer **illu libru** ou **unu libru**, resultando em Português o **livro** ou **um livro**.

b) mediante o uso de formas analíticas para os graus dos adjetivos. Ao passo que o latim literário formava os comparativos e superlativos de maneira sintética, isto é, por sufixos, o Latim corrente preferia as formas analíticas, isto é, mediante advérbios antepostos ao adjetivo. Assim, o Latim Clássico diz: **dulcior**, enquanto que no Vulgar temos **magis** ou **plus dulce** (a forma **magis** predominou na Península Ibérica: português **mais**, espanhol **más**, e **plus** predominou nas Gálias e na Itália: francês **plus**, italiano **più**). Igualmente o superlativo seria **dulcissimus** no Latim Clássico (forma sintética) e **multu dulce** no Vulgar (forma analítica).

c) mediante o uso de formas analíticas na voz passiva dos verbos, na semântica do **infectum**. Assim, por exemplo, o Presente do Indicativo passivo do verbo **amare** era no Latim Clássico **AMOR** (formação sintética pela desinência R), o Latim Vulgar fazia **amatus sum** (forma analítica ou composta).

4. Na Sintaxe — Verifica-se no Latim Vulgar o incremento do uso das preposições com a conseqüente redução das

desinências casuais. Enquanto que o Latim Clássico exprimia a função sintática das palavras na frase por meio de desinências chamadas casos, o Latim Vulgar tendia a eliminá-las evidenciando as relações das palavras por meio de preposições.

Assim, se tomarmos, por exemplo, a palavra *livro* exercendo a função de sujeito (o *livro*, em Latim Clássico teríamos *liber* (o caso nominativo) e no Latim Vulgar *illu/unu libru*.

Se a função fôsse de complemento restritivo (do *livro*), teríamos no Latim Clássico *libri* (caso genitivo) e no Vulgar teríamos *de libru*. Se a função fôsse de objeto indireto (ao *livro*), teríamos no Latim Clássico *libro* (caso dativo), esta desinência casual fôra eliminada no Latim Vulgar, mas a palavra fôra reforçada por uma preposição *ad libru*; e assim por diante.

Ainda na sintaxe era notável a tendência do Latim Vulgar para o *analitismo* na construção das orações subordinadas substantivas. Assim como em Português podemos construir as orações subordinadas substantivas de duas maneiras: *reduzidas de infinitivo*, por exemplo: "O povo diz ser a Terra redonda", ou *desenvolvida mediante a conjunção integrante*: «O povo diz que a Terra é redonda», assim também, o Latim Clássico preferia sempre a forma infinitiva: «*Vulgus dicit terram esse rotundam*», mas o latim vulgar preferia a forma desenvolvida ou analítica: «*Vulgus dicit quod terra est rotunda*».

Finalmente, dado que no Latim Literário a função sintática das palavras era expressa por desinências ou casos, os termos gozavam de ampla liberdade de colocação. Por exemplo esta frase: Deus ama o homem, poderia *dispor-se* de vários modos: "Deus hominem diligit; Hominem diligit Deus; Diligit Deus Hominem; Hominem Deus diligit."

Eliminadas essas desinências casuais, o Latim Vulgar deveu ater-se a uma ordem direta mais fixa, pois, em Português, a simples ordem dos termos exprime de certo modo as suas relações sintáticas: sujeito, verbo e complementos; teríamos então: "Deus diligit hominem."

Fontes de conhecimento do Latim Vulgar

Visto ser o Latim Vulgar uma língua somente falada, cabe perguntar: como são conhecidas essas suas características?

Entre outras fontes de conhecimento dessa modalidade de Latim (como as inscrições, os diálogos de teatro, a *Peregrinatio ad Loca Sancta* etc.), fazemos menção do *Appendix Probi*, obra de um gramático cujo nome nos é desconhecido. Trata-se de uma relação de 227 palavras escritas conforme eram usadas pelo povo e corrigidas pelo autor.

Exemplos:

speculum	non	speculum
oculus	non	oculus
vetulus	non	veclus
articulus	non	articlus
ansa	non	asa
viridis	non	viridis

A importância do documento está no fato de que, dando-nos êle uma relação, pequena que seja, de formas do Latim Vulgar, só assim podemos explicar a origem de certas palavras do nosso léxico em face de vocábulos tão diferentes do Latim Clássico. As nossas palavras *orelha* ou *joelho*, por exemplo, jamais poderiam ser explicadas por uma derivação direta do Latim Clássico *auris* e *genu*, mas através das formas diminutivas do Latim Vulgar «*oricla*» e «*genuclu*».

SINOPSE

DIFERENÇAS ENTRE O LATIM CLÁSSICO E O LATIM VULGAR:

- 1 — Na **Fonética** — Tendência do L. Vulgar para evitar palavras **proparoxítonas**:
cáthedra > *cathédra*; *pónere* > *ponére*.
- 2 — No **Léxico** — Uso de palavras mais populares e preferência pelo emprêgo de sufixos diminutivos: *equus* > *caballu*; *auris* > *auricula*.
- 3 — Na **Morfologia** — Tendência do L. Vulgar para o

ANALITISMO:

- a) com o uso dos artigos e pronomes: *Liber* > *illu/unu libru*.
 - b) nos graus dos adjetivos: *Dulcior* > *magis/plus dulce*: *dulcissimus* > *multu dulce*.
 - c) nos verbos, voz passiva do *infectum*:
Amor > *amatus sum*.
- 4 — Na **Sintaxe** — Tendência para o **ANALITISMO**:
 - a) com o aumento de preposições, artigos, e pronomes, e redução dos casos:
liber > *illu/unu libru*;
libri > *de libru* etc.

- b) Orações substantivas desenvolvidas
Vulgus dicit terram esse rotundam > Vulgus dicit
quod terra est rotunda.

5 — Ordem direta mais fixa: Deus diligit hominem.

QUESTIONARIO

- 1 — Qual o objeto da Gramática Histórica?
- 2 — A que grupo e ramo lingüísticos pertence o Latim?
- 3 — Que é Latim Clássico? E Latim Vulgar? E Baixo-Latim? E Latim Bárbaro?
- 4 — Citar 2 diferenças léxicas, 2 fonéticas, 2 morfológicas e 2 sintáticas entre o Latim Clássico e o Latim Vulgar.
- 5 — Dar 2 exemplos de analitismo no Latim Vulgar comparando-os com o sintetismo do Latim Clássico.
- 6 — O Latim Clássico e o Latim Vulgar são duas línguas diferentes ou dois aspectos da mesma língua?

FORMAÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

I. ORIGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

A língua portuguesa é um prolongamento do latim levado pelos romanos à Península Ibérica. Por esse motivo há uma interrelação entre o seu histórico e a história da Península.

Pouco é o que se sabe a respeito dos povos que habitavam o solo peninsular antes da invasão romana (séc. III a. C.). Dentre eles citam-se como os mais importantes os iberos, os celtas, os fenícios, os gregos e os cartagineses.

Muitos séculos antes de Cristo, a Península Hispânica, ou Ibérica, era habitada pelos Iberos, povo agrícola e pacífico e o mais antigo de que se tem notícia.

Pelo século VI a. C., invadiram-na os Celtas, povo turbulento e guerreiro. Com o correr dos séculos mesclaram-se com os Iberos dando origem aos povos Celtiberos.

Pelos tempos adiante, outros povos, os Fenícios, os Gregos e os Cartagineses, estabeleceram colônias comerciais em vários pontos da Península.

Como os cartagineses pretendessem apoderar-se dela totalmente, por ocasião do cerco de Sagunto(1), os Celtiberos chamaram em seu socorro os Romanos.

(1) Sagunto, cidade de fundação e domínio grego na Ibéria (Espanha); foi cercada por Aníbal em 219 a. C. O cerco de Sagunto deu origem à 2.ª Guerra Púnica.

Romanização da Península Ibérica

Por isso, no século III a.C., os Romanos invadiram a Península com o intuito de sustar a expansão de Cartago, que constituía séria ameaça ao domínio do mundo mediterrâneo, pretendido por Roma.

Vencida Cartago, as legiões romanas dominaram toda a Península, tornando-se, esta província romana em 197 a. C. Essa dominação, no entanto, não foi apenas político-militar, mas, e principalmente, cultural. Roma, paralelamente à sua conquista territorial, ia realizando a conquista lingüística, impondo aos povos vencidos a sua língua: o Latim.

Homens experimentados que eram em séculos de conquistas anteriores, os romanos usaram de verdadeira tática para que sua civilização se implantasse e sua língua se impusesse de modo geral e eficiente na Península Ibérica. Começaram levando para a Península Ibérica os fatores de civilização que lá não existiam: abriram escolas, construíram estradas, templos, organizaram o comércio, o serviço de correio etc.

Além disso, foram intransigentes na imposição do uso do Latim nas transações comerciais e nos atos oficiais; na organização do serviço militar obrigatório, onde também obrigatório era o uso do Latim.

Convém lembrarmos que não foi o Latim visto nas obras dos grandes escritores latinos como Cícero, César, Horácio, etc., conhecido como o Latim Clássico, que foi levado à Península, mas o Latim usado pelo povo no trato comum, chamado Latim Vulgar. Porque, como bem o diz Serafim da Silva Neto, «uma língua tem dois empregos distintos: o literário, quase sempre escrito, usado pelos artistas da palavra, e pela sociedade culta, difundido nas escolas e nas Academias e o popular, falado quase sempre, de que se serve o povo despreocupado e inculto». Era, pois, desta última forma lingüística, Latim Vulgar, que se serviram os soldados e colonizadores romanos.

Tendo o prestígio de língua oficial, ensinada nas escolas, usada nas relações comerciais, o Latim pôde suplantar os demais idiomas falados pelos peninsulares, que adotaram a língua dos vencedores.

Assim, com a assimilação lenta, mas progressiva de uma civilização de caráter essencialmente romano, a Península Ibérica chega ao século V da era cristã, já completamente romanizada, isto é, politicamente pertencendo ao Império Romano e lingüisticamente falando a língua de Roma — o Latim.

No século V da nossa era, foi a Península invadida e assolada pelos bárbaros germanos (alanos, suevos, vândalos, vi-

sigodos), povo essencialmente guerreiro, de cultura inferior à dos peninsulares, já romanizados. Embora vencedores, os bárbaros adotaram a civilização e a língua latinas. Contudo, causaram a dissolução da unidade política do império; as escolas foram fechadas, pois julgavam que a instrução enfraquecia o espírito guerreiro dos homens; houve o desaparecimento da nobreza romana, que cultivava as letras latinas; nos mosteiros procurou-se conservar a língua clássica, mas, mesmo aí, a leitura dos clássicos latinos foi proibida pelo cristianismo por estar contaminada de espírito pagão.

Dialetação do Latim Vulgar

Com a queda e fragmentação do Império Romano, suprimidos os elementos unificadores do idioma, o Latim Vulgar falado no vasto território da Península Ibérica, já bastante modificado pela ação do substrato lingüístico peninsular(1), passou a se desenvolver independentemente em cada região, isto é, dialetou-se. A dialetação do Latim Vulgar tem, pois, como causa imediata a invasão bárbaro-germânica, e como causa mediata a ação do substrato lingüístico.

No século VIII, os árabes vindos do Norte da África, comandados pelo general Tárique, atravessaram o estreito, depois chamado Gibraltar, e invadiram a Península. Portadores de uma cultura superior à da Península, os árabes impõem sua língua como oficial, mas os peninsulares continuaram a falar o romance, ou seja, o Latim Vulgar já modificado. Esta não aceitação da civilização árabe pelos habitantes da Península, deve-se às extremas oposições de raça, língua e religião entre os mouros e os vencidos. Algumas povoações receberam diretamente a influência dos árabes, formando os moçárabes, que quer dizer «misto árabe», mistos na linguagem, nos costumes, exceto religião, pois continuavam cristãos.

É de notar que os árabes, apesar de seu alto nível cultural e elevado grau de civilização, e embora tivessem permanecido na Península Ibérica por mais de sete séculos, pois só foram definitivamente expulsos no século XV (1492) por Fernando de Aragão e Isabel de Castela, pouca influência exerceram no tocante à língua portuguesa. Esta influência se restringe apenas ao léxico: cerca de mil vocábulos de origem árabe existem no léxico português. Estes vocábulos são, de modo geral, caracterizados pelo prefixo AL, artigo definido árabe. Citamos para exemplos: álgebra, algibeira, álcool, alcatifa, alface, algarismo, alfazema, alcachôfra, almofada, alfafa, alfinete, algema, algodão, alqueire etc.

(1) Substrato lingüístico é a língua de um povo vencido sobre a qual se superpõe a língua do vencedor.

II. HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Inúmeras lutas se travaram para a expulsão dos mouros do território peninsular. Nessas lutas, já em fins do século XI, muitos fidalgos vieram militar sob a bandeira de D. Afonso VI, rei de Leão e Castela. Dentre eles destacou-se D. Henrique, conde de Borgonha, que, por seus serviços prestados à coroa e à causa cristã, recebeu em casamento D. Tareja, filha de D. Afonso VI, e como dote o govêrno do Condado Portucalese, pequeno território situado na costa ocidental da Península Ibérica, entre os rios Douro e Minho. Este casamento realizou-se em 1095.

Por morte do conde D. Henrique, coube, primeiro à sua espôsa, e posteriormente a seu filho D. Afonso Henriques, lutar para fazer do condado um estado independente do reino de Leão e Castela. Houve incessantes combates contra os mouros e leoneses. Em 1139 dá-se a batalha de Ourique, entre mulmanos e portugueses. Ao comando das tropas está D. Afonso Henriques, e antes que a luta começasse, os soldados portugueses o aclamam rei de Portugal, ecoando pela primeira vez um brado de nacionalismo lusitano: «Real, Real, por El-Rei D. Afonso Henriques de Portugal!» Contudo só em 1143 são reconhecidos a independência do Condado Portucalese e o título de rei a D. Afonso Henriques.

Estava, assim, definitivamente fundado um novo reino — Portugal — e aparecia no mundo europeu uma nova nação — a portuguesa.

Nessa região, onde foi fundada a monarquia portuguesa, falava-se o dialeto galeziano, ou galego-português, expressão lingüística comum à Galiza e Portugal. No entanto, à medida que Portugal estendia seus domínios para o Sul, estabelecendo seus limites atuais, e absorvendo os falares ou romances que aí existiam, iam se processando as diferenciações lingüísticas, entre o falar dos galegos, que permaneceu estacionário, e o falar dos portugueses, que evoluiu a ponto de tornar-se independente do galego. Cindiou-se, então, a expressão galego-português em duas línguas diferentes: o galego que foi absorvido pela unidade castelhana, e o português, que continuou sua evolução, tornando-se a língua de uma nacionalidade e atingindo a perfeição atual que conhecemos.

SINOPSE

ORIGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

- 1 — Povos de civilização pré-romana na Península Ibérica:
- | | | |
|---|------------------------|--------------|
| } | iberos | } celtiberos |
| | celtas | |
| | fenícios | |
| | gregos
cartagineses | |

- 2 — Romanização da Península Ibérica
Inicia-se no séc. III a. C.

Propósito da ida dos romanos para a Península Ibérica:

- a) Atender diretamente ao pedido de socorro da cidade de Sagunto, cercada em 219 a. C. por Aníbal, general cartaginês.
- b) Sustar a expansão de Cartago, que representava séria ameaça aos romanos no mundo mediterrâneo. Ações dos romanos para impor sua civilização e sua língua:

1.º) Abriram escolas.

2.º) Organização do serviço militar obrigatório e obrigatoriedade do uso do LATIM. Outras benfeitorias: construção de estradas, de templos, de praças; organização do comércio e do correio etc.

- 3 — Povos de civilização pós-romana na Península Ibérica:

- a) Bárbaros Germânicos (alanos, suevos, visigodos, vândalos) (séc. V. d. C.).

Ações dos bárbaros pelas quais eles causaram a dialeção do Latim Vulgar na Península Ibérica:

1.º) Causaram a dissolução da unidade política do império.

2.º) Fecharam as escolas.

3.º) Extinguiram a nobreza romana na Península Ibérica.

- b) Árabes (séc. VIII d. C.).

Foram definitivamente expulsos apenas em 1492. Afonso VI, rei de Leão e Castela, inicia as lutas para a expulsão dos mouros da Península Ibérica.

O Conde D. Henrique de Borgonha, como recompensa pelas lutas a favor do rei, recebe em casamento sua filha bastarda, D. Tareja, e como dote de casamento recebe o Condado Portucalese.

2 - História da
língua
Portuguesa

Afonso Henriques, filho dêsse casal, estende os limites do território mais para o Sul e em 1140 faz a sua independência em relação à Espanha proclamando-se o 1.º rei de Portugal.

A língua que se falava nessa região era o dialeto Galeziano, o qual após a fundação de Portugal passou a ser chamado GALAICO-PORTUGUÊS, expressão linguística comum à Galiza e Portugal. É nessa língua que foi escrito o primeiro documento da nossa literatura, a «Cantiga da Ribeirinha».

CANTIGA DA RIBEIRINHA (ou da Guarvaya)

Autor: Paio Soares de Taveirós

Data: 1189, segundo a Dra. Carolina Michaelis de Vasconcelos.

Dedicação: A D. Maria Pais Ribeiro, por alcunha "A Ribeirinha", amante de D. Sancho I.

No mundo non me sei parelha(1),
mentre(2) me for'como me vay
ca(3) já moiro por vos — e ay!
mia senhor branca e vermelha,
queredes que vos retraya(4)
quando vus eu vi en saya!
Mao dia me levantei,
que vus enton non vi fea!(5)
E, mia senhor, des aquel di' ay!
me foi a mi muyñ mal,
e vos, filha de don Paay
Moniz, e ben vus semelha(6)
d'aver eu por vos guarvaya(7)
pois eu, mia senhor, d'alfaya
nunca de vos ouve nem ei
valia d'ua correa.

(Cancioneiro da Ajuda)

- (1) parelha = igual, semelhante.
- (2) mentre = enquanto, entrementes.
- (3) ca = pois, porque.
- (4) retraya = retrate, evoque.
- (5) que vus enton non vi fea: o autor usou uma litote = que então vos vi linda.
- (6) semelha = parece.
- (7) guarvaya = manto escarlate próprio dos reis.

III. FASES DA LÍNGUA PORTUGUESA

Leite de Vasconcelos reconhece, na evolução da Língua Portuguesa, três fases: pré-histórica, proto-histórica e histórica.

Fase Pré-Histórica — começa com as origens da língua e vai até o século IX. Do século V ao IX temos o que se chamou o romance Iusitânico.

Fase Proto-Histórica — estende-se do século IX ao XII. Nesta fase encontram-se, nos documentos redigidos em Latim Bárbaro, palavras portuguesas. Portanto a língua já era falada, mas não era escrita.

Fase Histórica — inicia-se no século XII e se estende até nossos dias. Compreende dois períodos:

1. **Período do Português Arcaico** — do século XII ao século XVI.

No século XII aparece o primeiro texto inteiramente redigido em português. É a «Cantiga da Ribeirinha», poesia escrita por Paio Soares Taveirós dedicada à D. Maria Paes Ribeiro, a Ribeirinha. A grande filóloga Dra. Carolina Michaelis de Vasconcelos datou este primeiro documento da língua portuguesa de 1189. A partir de então aparecem textos em poesia e, mais tarde, em prosa. Podemos conhecer o Português Arcaico através das poesias trovadorescas que estão reunidas em «Cancioneiros» e, ainda, na prosa de cronistas como Fernão Lopes, Gomes Eanes Zurara, Rui de Pina.

Em 1290, D. Dinis, o Rei Trovador, torna obrigatório o uso da língua portuguesa, e funda, em Coimbra, a primeira Universidade.

2. **Período do Português Moderno** — do século XVI até nossos dias.

No século XVI, sob a influência dos humanistas do Renascimento, houve um processo de aperfeiçoamento e enriquecimento linguísticos, voltando-se os escritores à imitação dos modelos latinos, e procurando aproximar a Língua Portuguesa à língua mãe. Como a coroar esse processo, aparece, em 1572, a obra de Luís de Camões, «Os Lusíadas», marcando a história do nosso idioma com o maior monumento literário e linguístico.

É ainda no século XVI que se inicia a gramaticalização do idioma com a publicação, em 1536, da primeira gramática da língua portuguesa, escrita pelo Pe. Fernão de Oliveira, «Gramática da Língua Portuguesa». Em 1540 João de Barros escreve a segunda com o mesmo título da primeira.

ESQUEMA

FASES DA LÍNGUA PORTUGUESA

- 1.ª PRÉ-HISTÓRICA (séc. V — IX) — temos o ROMANCE LUSITÂNICO
- 2.ª PROTO-HISTÓRICA (séc. IX — XII) — já existe a língua falada; dá testemunho disto o LATIM BÁRBARO.
 - a) Período **ARCAICO** (séc. XII-XVI) 1.º documento 1189
 - b) Período **MODERNO** (séc. XVI-Hoje). Movimentos que marcam o início do Português Moderno no séc. XVI:
 - 1.º O Renascimento Literário;
 - 2.º A Publicação das 1.ªs gramáticas (1536 e 1540);
 - 3.º A publicação de «Os Lusíadas» ... (1572).
- 3.ª HISTÓRICA (séc. XII-Hoje)

IV. DOMÍNIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A partir do século XV, através da expansão marítima de Portugal, descobrindo e colonizando novas terras, a língua portuguesa foi levada a essas regiões conquistadas. Assim, estendeu seu domínio geográfico, que compreende os países, os lugares onde é falada.

Segundo Leite de Vasconcelos, o Português atinge hoje os seguintes domínios:

1. Português Continental — falado em Portugal.
2. Português Insulano — falado nas ilhas da Madeira e dos Açores.
3. Português Ultramarino:
 - a) brasileiro;
 - b) indo-português, que compreende os dialetos crioulos de Damão, Diu, Goa (Ásia);
 - c) dialeto crioulo de Ceilão (Ásia);

- d) dialeto crioulo de Macau (Ásia);
- e) malaio-português, com os dialetos crioulos de Java, Malaca, Singapura (Ásia);
- f) português de Timor (Ásia-Oceânia);
- g) dialeto crioulo de Cabo-Verde (África);
- h) dialeto crioulo de Guiné (África);
- i) português de Angola, Moçambique, Zanzibar, Mombaça, Melinde e Quíloa (África).

Em algumas regiões da África e da Ásia, o Português, em contato com os idiomas indígenas, sofreu muitas alterações, dando origem ao dialeto crioulo — falar indígena resultante do emprêgo de uma língua de civilização pelos nativos, nas suas relações comerciais.

QUESTIONÁRIO

- 1 — Localizar geograficamente a Península Ibérica.
- 2 — Quais são os principais povos pré-latinos da Península Ibérica?
- 3 — Em que século e por que os romanos invadiram a Península Ibérica?
- 4 — Que se entende por romanização?
- 5 — Que é substrato lingüístico?
- 6 — Quais os povos que invadiram a P.I. após os romanos? Em quais séculos se deram essas invasões?
- 7 — Até quando ficaram os romanos dominando a Península Ibérica?
- 8 — Por que os bárbaros germânicos e os árabes, sendo vencedores, não conseguiram implantar sua cultura na Península Ibérica?
- 9 — Quando os árabes deixaram, definitivamente, a Península Ibérica?
- 10 — Localizar geograficamente o Condado Portucalense.
- 11 — Quem foi D. Afonso VI? E D. Henrique de Borgonha? E D. Afonso Henriques?
- 12 — Quando se deu a independência política do Condado? Quem a conseguiu?
- 13 — Quem foi o 1.º rei de Portugal? Quando foi reconhecido o novo reino?
- 14 — Que dialeto era falado na região onde foi fundado Portugal?

- 15 — *Em que século aparecem os textos inteiramente redigidos em Português?*
- 16 — *Qual o 1.º documento da língua portuguesa? De quando é datado?*
- 17 — *Quais as fases da língua portuguesa? Faça um esquema.*
- 18 — *Situar, no tempo, o português arcaico e falar ligeiramente sobre as obras poéticas de tal época.*
- 19 — *Qual a importância do Renascimento na evolução histórica do Português?*
- 20 — *Qual a obra literária que marcou o início da fase moderna da língua portuguesa? Qual a data de sua publicação?*
- 21 — *Que é domínio geográfico de uma língua?*
- 22 — *Qual o domínio geográfico da língua portuguesa?*

AS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Dá-se o nome de línguas românicas ou neolatinas ao grupo de idiomas que evoluíram do Latim Vulgar.

No século V houve o fraccionamento da unidade lingüística do Império Romano: o Latim Vulgar se dialetou e passou a se desenvolver diferentemente em cada região. A êsses falares regionais já não se poderia chamar Latim em virtude das grandes modificações nêle introduzidas, mas, por outro lado, ainda não alcançavam a categoria de línguas literárias, como instrumentos lingüísticos de novas unidades sociais e políticas. A essas formações dialetais do Latim Vulgar dá-se o nome de **romangos** ou **romances** — diferentes falas intermediárias entre o Latim Vulgar e as línguas românicas atuais.

Dentre os vários romances que se formaram do século V ao IX, temos o castelhano, o leonês, o galo-provençal, o romance lusitânico, do qual o Português é um prolongamento.

Concluimos, pois, que tôdas as línguas românicas têm como origem mediata o Latim Vulgar e imediata os romances.
 LATIM VULGAR > romances > LÍNGUAS ROMÂNICAS
 (do séc. V ao IX)

São dez as línguas neolatinas. e estão assim distribuídas geograficamente:

Português — falado em Portugal, em suas ilhas e colônias na África e Ásia, e no Brasil «Domínio Geográfico da Língua Portuguesa»).

Espanhol — falado na Espanha e suas colônias, na América, com exceção do Brasil, das Guianas, dos Estados Unidos e Canadá, em algumas ilhas das Antilhas e nas Filipinas.

Italiano — falado na Itália, na Córsega e na Sicília.

Francês — falado na França, na Bélgica, na Suíça, em Mônaco, no Canadá, na Tunísia, em Marrocos e Congo.

Romeno — falado na Romênia e ao norte da Macedônia.

Rético — também chamado reto-romano, romanche e ladino, é falado no Tirol, no Friul e no cantão dos Grisões (Suíça). É a quarta língua oficial da Suíça.

Galego — falado na Galiza.

Provençal — falado na Provença (Sul da França).

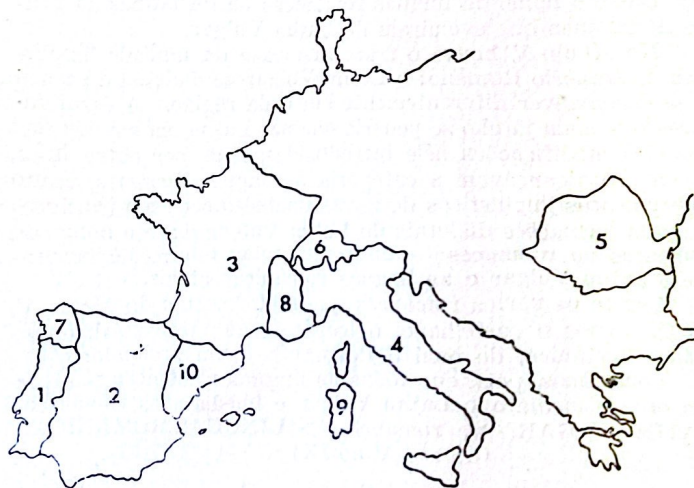
Catalão — falado na Catalunha e nas Ilhas Baleares.

Sardo — falado na Sardenha.

Dalmático — encontrava-se, até fins do século passado (1898), na Dalmácia, região da Iugoslávia. Atualmente é língua morta.

Dentre as 10 línguas românicas, 6 são oficiais: o Português, o Espanhol, o Italiano, o Francês, o Romeno e o Rético.

Localização geográfica das línguas neolatinas



1 — Português, 2 — Espanhol, 3 — Francês, 4 — Italiano, 5 — Romeno, 6 — Rético, 7 — Galego, 8 — Provençal, 9 — Sardo, 10 — Catalão.

QUESTIONARIO

- 1 — Que são línguas românicas?
- 2 — Quantas e quais são as línguas neolatinas ou românicas?
- 3 — Quais, dentre elas, são oficiais?
- 4 — Todas as línguas românicas são línguas vivas?
- 5 — Qual a origem mediata e imediata das línguas românicas?
- 6 — Que é romance? Definir e localizar no tempo e no espaço.
- 7 — De qual romance o Português é uma evolução: do asturiano, do leonês, ou do galeziano?

NOÇÕES ELEMENTARES DE FONÉTICA HISTÓRICA

A fonética é a ciência dos fonemas que constituem a linguagem.

A fonética histórica estuda a evolução dos fonemas no tempo e no espaço.

Fonema é o som; letra é a representação gráfica desse som. Em vista disso há fonemas grafados com mais de uma letra (o rr em carro), assim como uma só letra pode representar mais de um fonema (o x, em táxi — taci).

Classificam-se os fonemas em três grupos: vogais, semivogais e consoantes.

Vogais são fonemas produzidos pela corrente de ar expirada dos pulmões que, fazendo vibrar as cordas vocais, ganha a cavidade bucal e se escoia livremente.

Semivogais são os fonemas i, u, quando formam sílaba com uma vogal. São caracterizados pelo timbre, próprio das vogais, e pelo ruído, próprio das consoantes.

Consoantes são fonemas produzidos pela corrente de ar expirado dos pulmões que, fazendo ou não vibrar as cordas vocais, é interceptado na cavidade bucal por um obstáculo.

VOGAIS

As vogais são classificadas conforme:

- a) O papel das cavidades bucal e nasal
- | | |
|---|----------------------------|
| { | Orais: a, e, i, o, u, é, ó |
| | Nasais: ã, ê, î, õ, û |

am, an

- b) O ponto de Articulação { Média: a
Anteriores: e, i,
Posteriores: o, u
- c) O Timbre { Abertas: á, é, ó
Fechadas: ê, ô.
Reduzidas: a (vida), e (vale), o (fino)
- d) A Intensidade { Tônicas: sapé, sólido, sofá, peru, saci
Átonas: sofri, casa, vale, ônibus.

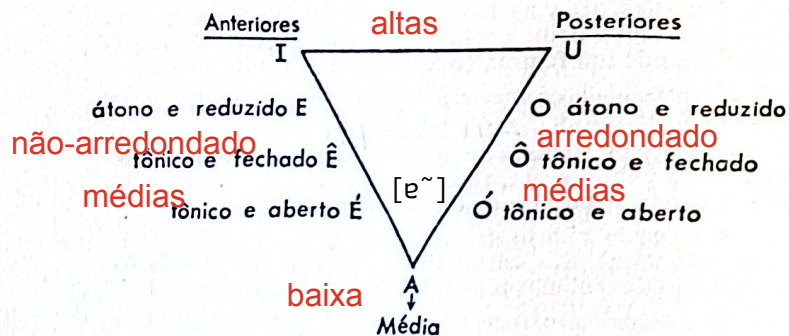
Os encontros vocálicos são três: ditongo, tritongo e hiato.

Ditongo é a combinação de uma vogal + uma semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba: pai, rei, fui, herói, quando.

Tritongo é o conjunto semivogal + vogal + semivogal formando uma só sílaba: iguais, averigüei, saguão, quão.

Hiato é o encontro de duas vogais pronunciadas em duas emissões de voz, formando sílabas diferentes: saúde, aorta, ciúme, vôo, creem.

Classificação dos fonemas vocálicos quanto ao ponto de articulação, quanto à tonicidade e quanto ao timbre, segundo o triângulo de Hellwag.



A observação do triângulo é importante para se perceber que a passagem de AI > EI é um caso de aproximação de timbre e que em metaplasmos se chama assimilação; o mesmo se diga quando entre as posteriores temos a passagem de AU > OU. Exemplos: Iactu > iacto > jacto > jaito > jeito Auru > auro > ouro.

- 32
- a baixo, anterior, não-arredondado
 - é E média-baixa, anterior, não-arredondado
 - e média-altas, anterior, não arredondado
 - i alto, anterior, não-arredondado
 - ó médio-baixo, posterior, arredondado
 - o médio-alto, posterior, arredondado
 - u alto, posterior, arredondado

CONSOANTES

Quadro de classificação das consoantes

Função das cavidades bucal e nasal	ORAIS							NASAIS
	MODO DE ARTICULAÇÃO	OCCLUSIVAS		FRICATIVAS			NASAIS	
		surdas	sonoras	surdas	sonoras	sonoras		
função das cordas vocais								
PONTO DE ARTICULAÇÃO	BILABIAIS	P	B				M	
	LABIODENTAIS			F	V			
	LINGUODENTAIS	T	D					
	ALVEOLARES			S / S / C / Ç	Z / Z / X	R / RR	L	N
	PALATAIS			X / CH	G / J		LH	NH
VELARES	C (QUÊ) / Q	G (GUÊ)			rr			

Convém ressaltar aqui, para a compreensão de estudos posteriores, a correspondência entre as consoantes surdas e suas homorgânicas sonoras.

	Surdas	Sonoras
b	P	B
s	T	D
a	C (quê)	G (guê)
r	F	V
g	C	Z

O ACENTO TÔNICO

Acento tônico é a maior inflexão da voz com que se pronuncia determinada sílaba de uma palavra. Na passagem do Latim para o Português a norma geral é a permanência da sílaba tônica — Lei da Persistência da Sílaba Tônica.

No Latim Clássico a posição do acento tônico dependia da quantidade das sílabas: não havia oxítonos; os dissílabos eram paroxítonos; os polissílabos tinham acento na penúltima sílaba, se esta fosse longa (amatur); e na antepenúltima sílaba, se breve (legimus).

No Latim Vulgar perdeu-se a noção de quantidade, adotando-se o acento de intensidade. As vogais passaram de longas e breves que eram, a átonas e tônicas.

Entretanto, duas constantes presidiram à passagem do acento do Latim Clássico ao Vulgar:

1. nas palavras proparoxítonas, cuja última sílaba possuía um encontro consonantal formado de uma oclusiva + R, o acento tônico sofria diástole: cáthedram — cathédra — cadeira (port.) — ténebras — tenébras — trevas (port.).

2. ocorria diástole sempre que havia um hiato com i tônico: parietem — pariétem — parede (port.) — mulierem — muliére — mulher (port.).

No Português o acento tônico é o mesmo dos vocábulos do Latim corrente.

METAPLASMOS

Metaplasmos são alterações que as palavras sofrem durante sua evolução do Latim para o Português.

Essas alterações são apenas fonéticas, conservando, as palavras, a mesma significação.

Os metaplasmos se dão de quatro maneiras:

- I — por aumento;
- II — por supressão;
- III — por transposição;
- IV — por transformação.

I — METAPLASMOS POR AUMENTO

- 1. prótese (aglutinação)
- 2. epêntese (suarabácti)
- 3. paragoge

1. **Prótese** — é o acréscimo de um fonema no início do vocábulo.

stare	>	estar
spiritu	>	espírito
scutu	>	escudo

Há uma maneira especial de prótese que é a **aglutinação** — incorporação do artigo no início do vocábulo.

lacuna	>	alagoa
minacia	>	ameaça

2. **Epêntese** — é o acréscimo de um fonema no meio do vocábulo.

stella > estrêla
humile > humilde
umeru > ombro

A epêntese possui uma modalidade que é o **suarabácti** — intercalação de uma vogal para desfazer um grupo de consoantes.

planu > prão > porão
blatta > brata > barata
grupa (kruppa-germânico) > garupa

3. **Paragoge** — é o acréscimo de fonema no fim da palavra.

ante > antes

II — METAPLASMOS POR SUPRESSAO

1. aférese (deglutinação)
2. síncope (haplogia)
3. apócope
4. crase (sinalefa)

1. **Aférese** — é a supressão de um fonema no início do vocábulo.

acume > gume
attonitu > tonto
episcopu > bispo

Caso especial de aférese é a **deglutinação**, supressão de um a ou o iniciais por confusão com o artigo.

horologiu > orologio > relógio
apotheca > abodega > bodega

2. **Síncope** — é a supressão de um fonema do meio do vocábulo.

legale > leal
legenda > lenda
malu > mau

A síncope possui uma modalidade que é a **haplogia** — supressão da primeira de duas sílabas sucessivas iniciadas pela mesma consoante.

bondadoso > bondoso
tragicomédia > tragicomédia
formicicida > formicida

3. **Apócope** — é a supressão de um fonema no fim da palavra.

mare > mar
amat > ama
male > mal

4. **Crise** — é a fusão de duas vogais iguais em uma só.

pede > pee > pé
colore > coor > côr
nudu > nuu > nu

Quando a crase se dá pela junção da vogal final de uma palavra com a vogal inicial de outra, na formação de expressões compostas, recebe o nome especial de **sinalefa**.

outra + hora > outrora
de + este > dêste
de + intro > dentro

III — METAPLASMOS POR TRANSPOSIÇÃO

Os metaplasmos por transposição podem-se dar por deslocação de fonema ou de acento tônico da palavra.

1. A deslocação de fonema pode ser por **metátese** e por **hipérese**.

a) **Metátese** — é a transposição de um fonema na mesma sílaba.

pro > por
semper > sempre
inter > entre

b) **Hipérese** — é a transposição de um fonema de uma sílaba para outra.

capio > caibo
primariu > primario > primeiro
fenestra > festra > fresta

2. A deslocação do acento tônico recebe o nome de **hiperbibismo**.

O hiperbibismo compreende a **sístole** e a **diástole**.

a) **Sístole** — é o recuo do acento tônico da palavra.

pantânu > pântano
campâna > campa
idólu > ídolo

b) **Diástole** — é o avanço do acento tônico da palavra.

limite > limite
pōnere > ponere
tēnbra > tenebra

IV — METAPLASMOS POR TRANSFORMAÇÃO

Vocalização	e	Consonantização
Nasalização	e	Desnasalização
Assimilação	e	Dissimilação
Sonorização	ou	Abrandamento
Palatização		
Assibilação		
Ditongação	ou	Alargamento
Monotongação	ou	Redução
Aponia		
Metafonia		

1. **Vocalização** — é a transformação de uma consoante em vogal.

nocte > noite
regnu > reino
multu > muito

2. **Consonantização** — é a transformação de uma vogal a consoante. Dão-se casos de consonantização com as semi-vogais i e u latinas, que passam, respectivamente, a j e v.

iam > já
Iesus > Jesus
uita > vida
uacca > vaca

3. **Nasalização** — é a passagem de um fonema oral a nasal.

nec > nem
mihi > mim
bonu > bom

4. **Desnasalização** — é a passagem de um fonema nasal a oral.

luna > lūa > lua
bona > bōa > boa
ponere > pōer > pôr

5. **Assimilação** — é a transformação de um fonema em igual ou semelhante a outro existente na mesma palavra.

ipsu > isso

A Assimilação pode ser:

- total
- parcial
- progressiva
- regressiva

É **total** quando o fonema assimilado se iguala ao assimilador.

persona > pessoa
mirabilia > maravilha
per + lo > pello > pelo

É **parcial** quando o fonema assimilado apenas se assemelha ao assimilador.

auru > ouro
lacte > leite > leite
assibilare > assibiar > assobiar

É **progressiva** quando o fonema assimilador está antes do assimilado.

amam-lo > amam-no
nostro > nosso
molinariu > molnario > mollairo > moleiro

É **regressiva** quando o fonema assimilador vem depois do assimilado.

persicu > pêssego
captare > cattar > catar
ipsa > essa

6. **Dissimilação** — é a diferenciação de um fonema por já existir outro igual na palavra.

liliu > lírio
memorare > membrar > lembrar
rotundo > rodondo > redondo

A dissimilação, às vezes, pode levar à supressão de fonemas e recebe, então, o nome de **dissimilação eliminadora**.

aratru > arado
cribru > crivo
rostru > rosto

7. **Sonorização ou Abrandamento** — é a passagem de uma consoante surda à sua homorgânica sonora. Só ocorre a sonorização se a consoante surda estiver em posição intervocálica.

As surdas que se sonorizam são:

p > b	—	capio > caibo lupu > lôbo sapui > soube
t > d	—	civitate > cidade cito > cedo maritu > marido
c > g (quê) (guê)	—	pacare > pagar aqua > água amicu > amigo aquila > águia
c > z (e, i)	—	acetu > azêdo vicinu > vizinho facere > fazer
f > v	—	profectu > proveito aurifice > ourives
b > v	—	caballu > cavalo faba > fava populu > pobo > povo

A passagem do b para v recebe o nome especial de **degeneração**.

8. **Palatização** — é a transformação de um ou mais fonemas em uma palatal. Comumente se dá com:

n (e, i) + vogal > NH	vinea > vinha aranea > aranha seniore > senhor juniu > junho
l (e, i) + vogal > LH	palea > palha folia > fôlha jului > julho
d (e, i) + vogal > J	video > vejo hodie > hoje invidia > inveja
pi, cl, fl > CH	pluvia > chuva implere > encher clave > chave masculu > masculu > macho flamma > chama inflare > inchar

cl, pl, gl >	LH	oculu > oculo > ôlho apicula > apecla > abelha scopulu > scoplo > escolho tegula > tegla > telha
sc, ss (i, e) >	X	pisce > peixe passione > paixão miscere > mexer russeu > roxo
s (i) >	J	cerevisia > cerveja basiu > beijo ecclesia > igreja

9. **Assibilação** — é a transformação de um ou mais fonemas em uma sibilante. Comumente se dá com:

t (e, i) + vogal > Ç ou Z	capitia > cabeça lentiu > lenço belitia > beleza ratione > razão
d (e, i) + vogal > Ç	audio > ouço frondea > fronça (franças) ardeo > arço (arc.)
c (e, i) + vogal > Ç ou Z	lancea > lança minacia > ameaça Gallicia > Galiza judiciu > juízo

10. **Ditongação** — é a passagem de um hiato ou de uma vogal a ditongo.

malo >	mao >	mau
sto >	estou	
do >	dou	
arena >	area >	areia

11. **Monotongação ou Redução** — é a simplificação de um ditongo em uma vogal.

fructu >	fruito (arc.) >	fruto
lucta >	luita (arc.) >	luta
auricula >	orelha	

12. **Apofonia** — é a mudança de timbre de uma vogal por influência de um prefixo.

in + aptu >	inepto
in + barba >	imberbe
sub + jactu >	sujeito

13. **Metafonia** — é a mudança de timbre de uma vogal tônica por influência de outra, geralmente i ou u.

debita > dívida
 tepidu > tífico
 toso (v. tossir) > tusso
 cobro (v. cobrir) > cubro

ESQUEMA

METAPLASMOS

- 1 - Por **AUMENTO** { Prótese: statua > estátua
 Epêntese: stella > estrêla
 Paragoge: ante > antes
- (aglutinação: minacia > ameaça)
 (suarabácti: planu > p'rão > porão)
- 2 - Por **SUPRESSÃO** { Aférese: acume > agume > gume
 Síncope: pede > pee > pé
 Apócopes: mare > mar
 Crase: pede > pee > pé
- (deglutinação: apotheca > abodega > bodega)
 (haplogia: formicida > formicida)
- 3 - Por **TRANS-POSIÇÃO** { a) Do acento (hi-perbibasmo) { 1. diástole: pōnere > ponere
 2. sístole: pantānu > pântano
 b) De fonemas { 1. metátese: semper > sempre
 2. hipétese: capio > caibo
- 4 - Por **TRANSFORMAÇÃO:**
 Vocalização: nocte > noite
 Consonantização: iactu > jeito
 Nasalização: luna > lūa > lua
 Desnasalização: luna > lūa > lua
 Assimilação: ipse > êsse
 Dissimilação: liliu > lírio
 Sonorização ou abrandamento: apotheca > abodega
 Palatização: hodie > hoje
 Assibilação: bellitia > beleza
 Ditongação: avena > aveia > aveia
 Monotongação ou redução: auricula > oricla > orelha
 Apofonia: in + barba: imberbe
 Metafonia: tepidu > tífico

Exercícios de Metaplasmos

Dar o nome das seguintes alterações fonéticas:

- 1 — dolore > dolor > door > dor
 a).....
 b).....
 c).....
- 2 — veritate > veridade > verdade
 a).....
 b).....
- 3 — oculu > oculo > oclo > olho
 a).....
 b).....
 c).....
- 4 — lūpu > lupo > lopo > lobo
 a).....
 b).....
 c).....
- 5 — voce > voze > voz
 a).....
 b).....
- 6 — acume > agume > gume
 a).....
 b).....
- 7 — ipse > epse > êsse
 a).....
 b).....
- 8 — macula > macla > malha
 a).....
 b).....

- 9 — **integru** > **íntegro** > **intégro** > **inteiro**
 a).....
 b).....
 c).....
- 10 — **inflare** > **inflar** > **inchar**
 a).....
 b).....
- 11 — **liliu** > **lilio** > **lirio**
 a).....
 b).....
- 12 — **multu** > **multo** > **muito**
 a).....
 b).....
- 13 — **dícere** > **dicére** > **dicer** > **dizer**
 a).....
 b).....
 c).....
- 14 — **hodie** > **hodye** > **hoje**
 a).....
 b).....
- 15 — **fenestra** > **fēestra** > **feestra** > **festra** > **fresta**
 a)..... b).....
 c)..... d).....
- 16 — **arena** > **arēa** > **area** > **areia**
 a).....
 b).....
 c).....
- 17 — **aranea** > **aranya** > **aranha**
 a)..... b).....
- 18 — **bellitia** > **belitia** > **beletia** > **beletya** > **beleza**
 a)..... b).....
 c)..... d).....

- 19 — **bonitate** > **bonidade** > **bondade**
 a)..... b).....
- 20 — **credo** > **creo** > **creio**
 a)..... b).....
- 21 — **apīcula** > **apicla** > **apecla** > **abecla** > **abelha**
 a)..... b).....
 c)..... d).....
- 22 — **parīcula** > **paricla** > **parecla** > **parelha**
 a)..... b).....
 c).....
- 23 — **auricula** > **auricla** > **oricla** > **orecla** > **orelha**
 a)..... b).....
 c)..... d).....
- 24 — **coagulare** > **coagular** > **coaglar** > **coalhar**
 a)..... b).....
 c).....
- 25 — **civitate** > **cividade** > **ciidade** > **cidade**
 a)..... b).....
 c).....
- 26 — **ciconia** > **ceconia** > **cegonia** > **cegonya** > **cegonha**
 a)..... b).....
 c)..... d).....
- 27 — **clamare** > **clamar** > **chamar**
 a)..... b).....
- 28 — **cerevisia** > **cerevesia** > **cervesia** > **cerveja**
 a)..... b).....
 c).....
- 29 — **filiu** > **filio** > **filyo** > **filho**
 a)..... b).....
 c).....

- 30 — gallina > galina > galã > galinha
 a)..... b).....
 c).....
- 31 — vinu > vino > vïo > vinho
 a)..... b).....
 c).....
- 32 — vicinu > vicino > vizino > vizïo > vizinho
 a)..... b).....
 c)..... d).....
- 33 — flagrare > flagrar > chagrar > chairar > cheirar
 a)..... b).....
 c)..... d).....
- 34 — consiliu > consilio > conselio > conselyo > conselho
 a)..... b).....
 c)..... d).....
- 35 — avaritia > avaretia > avaretya > avareza
 a)..... b).....
 c).....
- 36 — animalia > alimalia > alimária
 a)..... b).....
- 37 — adversu > adverso > avverso > averso > avêso
 a)..... b).....
 c)..... d).....
- 38 — debita > dibita > dibida > dívida
 a)..... b).....
 c).....
- 39 — solitariu > solitario > soltario > solteiro > solteiro
 a)..... b).....
 c)..... d).....
- 40 — primariu > primario > primairo > primeiro
 a)..... b).....
 c).....

- 41 — mollinariu > mollinario > molinario > molnario >
 mollario > molario > molaïro > moleiro
 a)..... b).....
 c)..... d).....
 e)..... f).....
 g).....
- 42 — dixi (dicsi) > dissi > disse
 a)..... b).....
- 43 — tepidu > tepido > tevido > tebio > tïbio
 a)..... b).....
 c)..... d).....
- 44 — horologiu > horologio > rologio > relógio
 a)..... b).....
 c).....
- 45 — fructu > fructo > fruto > fruto
 a)..... b).....
 c).....
- 46 — invidia > invidia > inveda > inveja
 a)..... b).....
 c).....
- 47 — malu > malo > mao > mau
 a)..... b).....
 c).....
- 48 — lacuna > lacona > lagona > lagõa > lagoa
 a)..... b).....
 c)..... d).....
- 49 — nidu > nido > nïo > ninho
 a)..... b).....
 c).....
- 50 — navigiu > navigio > navio > navio
 a)..... b).....
 c).....

- 51 — rabia > ravia > raiva
 a)..... b).....
- 52 — pónere > ponére > poner > poēr > poer > poor > pôr
 a)..... b).....
 c)..... d).....
 e)..... f).....
- 53 — operariu > operario > oberario > obrario > obrairo > obreiro
 a)..... b).....
 c)..... d).....
 e).....
- 54 — populu > populo > popolo > pobolo > pobo > pobo > povo
 a)..... b).....
 c)..... d).....
 e)..... f).....
- 55 — plenu > pleno > plēo > pleo > cheo > cheio
 a)..... b).....
 c)..... d).....
 e).....
- 56 — palumba > palomba > paomba > poomba > pomba
 a)..... b).....
 c)..... d).....
- 57 — persona > persōa > persoa > pessoa
 a)..... b).....
 c).....
- 58 — rotundu > rotundo > rotondo > rodondo > redondo
 a)..... b).....
 c)..... d).....

- 59 — regina > reina > reia > rainha > rainha
 a)..... b).....
 c)..... d).....
- 60 — sapuit > sapui > sabui > saubi > saube > soube
 a)..... b).....
 c)..... d).....
 e).....
- 61 — semper > sempre
 a).....
- 62 — stella > stela > estela > estrêla
 a)..... b).....
 c).....

V O C A L I S M O

Vocalismo é o estudo da evolução dos fonemas vogais na passagem do Latim para o Português.

O **Latim Clássico** possuía cinco vogais: a, e, i, o, u, que, segundo a **quantidade**, podiam ser breves ou longas. A essas diferenças de quantidade estavam associadas diferenças de **timbre**. Assim:

ĕ ĭ ŏ ŭ eram abertas

ē ī ō ū eram fechadas

O a, breve ou longo, tinha o mesmo timbre.

No **Latim Vulgar**, desapareceu a oposição **quantitativa**, passando as vogais a diferencarem-se somente pelo **timbre**, isto é, abertas ou fechadas. Entretanto, em quase toda a Romênia, o i aberto confundiu-se com o e fechado e o u aberto confundiu-se com o o fechado. Dêsse modo, as dez vogais do **Latim Clássico** (cinco breves e cinco longas) reduziram-se no **Latim Vulgar** a sete.

Pode-se estabelecer, assim, um quadro comparativo entre as vogais tônicas no Latim Clássico e no Vulgar.

Latim Clássico	Latim Vulgar
ă	a
ā	a
é	e (aberto)

ē	e (fechado)
ī	e (fechado)
ī	i
ō	o (aberto)
ō	o (fechado)
ū	o (fechado)
ū	u

O Português, que é, na sua essência, uma fase evolutiva do Latim Vulgar, conservou dele os mesmos timbres vocálicos além do acento tônico.

Latim Clássico	Latim Vulgar	Português
ă	ā a
ě	e (aberto)
ē	ī e (fechado)
ī	i
ō	o (aberto)
ō	ū o (fechado)
ū	u
<hr/>		<hr/>
10 vogais	7 vogais	7 vogais

No estudo do vocalismo deve-se fazer distinção entre vogais tônicas e átonas

I — VOGAIS TÔNICAS

As vogais tônicas sofreram apenas as alterações já vistas no quadro comparativo. Mantiveram-se na palavra em virtude de sua tonicidade: é a lei da persistência da sílaba tônica.

ă	>	a	ăquam	>	água
a	>	a	pācem	>	paz
ě	>	é	něbulam	>	névoa
ē	>	ê	secrētum	>	segrêdo
ī	>	ê	ille	>	êle

ī	>	i	rīvum	>	rio
ō	>	ó	rōtam	>	roda
ō	>	ô	sapōrem	>	sabor
ū	>	ô	lūcrum	>	lôgro
ū	>	u	secūrum	>	seguro

As exceções existentes em relação a essa correspondência vocálica são explicadas por causas fonéticas, analógicas, ou pela introdução de palavras eruditas na língua.

II — VOGAIS ATONAS

As vogais átonas, quanto à sua posição na palavra, dividem-se em pretônicas e postônicas, conforme estejam antes ou após a tônica.

Vogais pretônicas podem ser iniciais e mediais.

1. A pretônica inicial permaneceu ou sofreu aférese.

amicu	>	amigo
acutu	>	agudo
episcopu	>	bispo
acume	>	gume

2. A pretônica medial sofreu síncope.

bonitate	>	bondade
honorare	>	honrar
computare	>	contar

Vogais postônicas podem ser mediais e finais.

1. A postônica medial adjacente à tônica, geralmente, sofreu síncope. Isto devido à tendência da língua a evitar as proparoxítonas.

viride	>	verde
lepore	>	lebre
opera	>	obra

2. Postônicas finais

a) As postônicas finais i e u das palavras latinas passaram a e e o, respectivamente.

vivi > vive
 vesti > veste
 campu > campo
 libru > livro

b) a vogal e postônica final sofreu apócope quando precedida de consoante que podia formar sílaba com a vogal anterior. Essas consoantes eram: l, n, r, s, z.

male > mal
 bene > bem
 amare > amar
 mense > mês
 , cruce > cruce > cruz

c) as vogais a e o postônicas finais não sofreram modificações.

aqua > água
 Cícero > Cícero

DITONGOS

Eram três os ditongos no Latim Clássico: ae, au, oe.

O Latim Vulgar já apresentava tendência para reduzir êsses ditongos a simples vogais.

Na passagem para o Português temos:

ae > é caelu > céu
 au > ou e au audace > audaz
 aula > aula
 tauro > touro

O ditongo ou alterna-se com o ditongo oi, sem que haja explicação fonética.

ouo e oiro
 touro e toiro
 louro e loiro
 cousa e coisa
 oe > ê poena > pena
 foeno > feno

A língua portuguesa tem, portanto, dois ditongos de origem latina: au, ou (oi).

No entanto, como é fácil verificar, há muito mais ditongos no Português. São os de origem românica, isto é, formaram-se na fase evolutiva dos romances.

Causas da Ditongação

São várias as causas que contribuíram para a formação dos ditongos em Português.

1. por síncope da consoante intervocálica

vanitate > vaidade
 vadi (t) > vai

2. por vocalização

nocte > noite
 regnu > reino

3. por hipérese

rabia > raiva
 capio > caibo

4. por alargamento (epêntese de uma semivogal para desfazer um hiato).

arena > area > areia
 credo > creio > creio

5. por oclusão (fechamento de timbre das vogais e e o que passam respectivamente a i e u).

malo > mao > mau
 velo > veio > vêu
 amatis > amades > amaes > amais

O ditongo final ão do Português moderno representa as formas do Português arcaico am, ã, om, õ, correspondentes às terminações latinas anu, ane, one, udine, ant, unt.

veranu > verão
 pane > pão
 oratione > oração
 paganu > pagão
 cane > cão
 ratione > razão
 multitudine > multidão
 solitudine > solidão
 dant > dão
 sunt > são

HIATOS

Desde a fase arcaica a língua portuguesa apresenta acentuada tendência a evitar o hiato.

Há várias maneiras pelas quais os hiatos se desfizeram na evolução do vernáculo.

1. pela crase

vedere > veer > ver
ponere > poor > pôr

2. pela oclusão

caelo > ceo > céu
ego > eo > eu

3. por alargamento (uma vogal epentética).

plenu > cheo > cheio
frenu > freo > freio

QUESTIONARIO

- 1 — Que é vocalismo?
- 2 — Compare as vogais tônicas do Latim Clássico, do Latim Vulgar e do Português.
- 3 — Assinale a quantidade das vogais tônicas latinas, considerando o timbre das vogais tônicas portuguesas: *nebula* > névoa; *siccu* > sêco; *ficu* > figo; *super* > sôbre; *rota* > roda; *luce* > luz; *cito* > cedo; *decem* > dez.
- 4 — Qual o tratamento das vogais átonas pretônicas e postônicas?
- 5 — Que são ditongos de origem latina? E de origem românica?
- 6 — Quais as causas da ditongação na língua portuguesa? Exemplifique.
- 7 — Quais as origens do ditongo -ão português?
- 8 — A epêntese de um *i* para desfazer um hiato, como em *creo* > creio, recebe o nome de oclusão, alargamento ou metáfora?

CONSONANTISMO

Consonantismo é o estudo das transformações sofridas pelos fonemas consonantais na sua evolução histórica.

Para estudo dessa evolução deve-se distinguir: 1) consoantes simples e 2) grupos consonantais.

I — CONSOANTES SIMPLES

Quanto à posição que ocupam no vocábulo, as consoantes podem ser: iniciais, mediais e finais.

Consoantes Iniciais — Na passagem para o Português, as consoantes iniciais, geralmente, se mantiveram inalteradas.

bene > bem	gutta > gôta	patria > pátria
corona > coroa	latrone > ladrão	rota > roda
debere > dever	manu > mão	salute > saúde
filiu > filho	navigiu > navio	tale > tal

Contudo há exceções: *cattu* > gato; *palore* > bolor; *libelu* > nível; *vesica* > bexiga; *vota* > boda; etc.

Consoantes mediais

1 — As consoantes mediais surdas, em posição intervocálica, passaram para as suas homorgânicas sonoras.

p > b:	ripa > riba; lupu > lôbo; sapere > saber
t > d:	vita > vida; rota > roda; mutu > mudo
c (a, o, u) > g:	pacare > pagar; acutu > agudo; focu > fogo
c (e, i) > z:	acetu > azêdo; cruce > cruze > cruz; vicinu > vizinho; vacivu > vazio

- q > g: aqua > água; equa > égua
 f > v: profectu > proveito; aurifice > ourives; trifoliu > trevo
 s > z: Em Latim o s possuía o som do nosso «ss», rosa (pronúncia latina rossa) = rosa (pronúncia portuguesa roza).

2 — As consoantes mediais **sonoras** ou sofreram síncope, ou permaneceram, ou se alteraram.

- b —: modificou-se em v, ou sofreu síncope: caballu > cavalo; faba > fava; ibam > ia; praebenda > prenda
 — d —: sofreu síncope: sedere > ser; pede > pé; fidele > fiel
 — g —: 1.º sofreu síncope: regale > real; legere > ler
 2.º vocalizou-se: plaga > praia; lege > lei
 3.º manteve-se: rogare > rogar; paganu > pagão
 — l —: sofreu síncope: filu > filo > fio; velu > véu
 — m —: permaneceu: amicu > amigo; lacrima > lágrima
 — n —: nasalizou a vogal anterior e depois caiu como consoante. Na maior parte dos casos a ressonância nasal desapareceu: lana > lâ; manu > mão; ponere > pôer > pôr; generale > gêeral > geral; persona > pessoa > pessoa. Observação: nas terminações ina e inu desenvolveu-se um fonema de transição nh: vinu > vîo > vinho; regina > reîna > rainha.
 — r —: permaneceu: hora > hora; corona > coroa; arena > areia.

Consoantes finais — As consoantes finais latinas, geralmente, sofreram apócope. Apenas se conservaram em Português o m, n, r, s.

- m —: conservou-se nos monossílabos como simples ressonância nasal: quem > quem; cum > com.
 — n —: permaneceu como ressonância nasal, ora representada por til, ora por m: in > en > em; non > não permaneceu, mas passou para antes da vogal precedente, por metátese: inter > entre; super > sôbre; semper > sempre; quattuor > quator > quatro
 — r —: permaneceu como indicativo de plural: aves > aves; e além disso, nos nomes próprios, nos verbos e nos advérbios: Deus > Deus; Marcus > Marcos; debemus > devemos; magis > mais.

Observação: As nossas consoantes finais L, R, S, Z são resultantes de uma apócope da vogal E latina: male > mal; regale > real; mare > mar; amare > amar; mense > mese > mês; voce > voze > voz.

II — GRUPOS CONSONANTAIS

Grupo consonantal é a reunião de duas ou mais consoantes no corpo do vocábulo. Os grupos consonantais podem ser: **homogêneos** e **heterogêneos**, **latinos** e **românicos**, **próprios** e **impróprios**.

Grupos Homogêneos são formados de consoantes iguais ou geminadas: stuppa, bucca, ille, etc.

Grupos Heterogêneos são formados de consoantes diferentes: clave, persona, etc.

Grupos Latinos são os que já existiam em Latim: clave, persona, etc.

Grupos Românicos são os que resultaram da síncope de uma vogal: oculu > oclu, auricula > auricla.

Grupos Próprios são constituídos de uma oclusiva ou “f” mais uma líquida (l ou r): placere, premere, flamma, etc.

Grupos Homogêneos

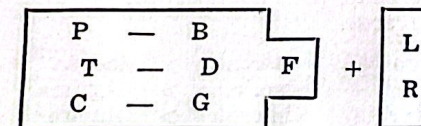
Os grupos consonantais homogêneos reduziram-se a consoantes simples na passagem do Latim para o Português.

bb = b	sabbatu	>	sábado
cc = c	bucca	>	bôca
dd = d	additione	>	adição
ff = f	effectu	>	efeito
gg = g	aggravare	>	agravar
ll = l	illa	>	ela
mm = m	flamma	>	chama
nn = n	pannu	>	pano
pp = p	stuppa	>	estôpa
tt = t	gutta	>	gôta

NOTA: — Dado que em Português **NAO** EXISTEM CONSOANTES GEMINADAS, os dígrafos SS e RR são conservados apenas para diferenciar os sons SÊ e ZÊ, RÊ e RRÊ em posição intervocálica: casa e cassa, caro e carro.

Grupos Próprios

Já ficou dito que os grupos próprios são constituídos de uma consoante oclusiva ou «f» mais a líquida (l-r); teríamos o seguinte esquema:



Ora, o tratamento dos grupos próprios depende de sua posição inicial ou medial.

Grupos Próprios Iniciais — Os grupos próprios iniciais terminados em r não se alteram na passagem do Latim para o Português.

braciu > braço	frenu > freio
breve > breve	gradu > grau
cruce > cruz	granu > grão
credere > crer	pratu > prado
dracone > dragão	probare > provar
drama > drama	tres > três
fructu > fruto	truncu > tronco

Os grupos próprios terminados em L sofreram os tratamentos:

a) Os grupos Cl, Fl, Pl palatizaram-se em Ch:

clave > chave	flagrare > cheirar
clamare > chamar	pluvia > chuva
flamma > chama	plenu > cheio

Note-se que em certas palavras correntes, em classe de melhor nível de cultura, o l desses grupos passou a R. É o caso de placere > prazer; clavicula > cravelha; fluxu > frouxo; flore > frol (térmo arcaico que está na base do sobrenome Fróis).

b) Os grupos Bl e Gl transformaram-se em br, gr, ou então reduziram-se a L.

blandu > brando	glattire > latir
blancu > branco	globellu > novêlo
glute > grude	

Grupos Próprios Mediais

a) Os grupos próprios internos terminados em r, quando precedidos de consoantes, não se alteram, quando precedidos de vogal, a primeira consoante passa a ser tratada como se fôsse intervocálica e, portanto, pode sonorizar-se, vocalizar-se, sofrer síncope ou conservar-se.

membriu > membro	latrone > ladrão
mostrare > mostrar	lacrima > lágrima
scribere > escrever	integru > inteiro
exfricare > esfregar	cathedra > cadeira

capra > cabra	flagrare > cheirar
libru > livro	nigru > negro
quadraginta > quarenta	quarenta > quarenta

NOTA: — Em certos casos, o R da sílaba átona desapareceu por dissimilação total.

aratra > arado	rostru > rosto
fratre > frade	matrastra > madrastra
cribru > crivo	

No caso das palavras Patre e Matre dando pai e mãe, há duas hipóteses.

Conforme a primeira teoria as palavras Padre e Madre deram pai e mãe através das formas pade e made de caráter afetivo. A segunda teoria é de Lima Coutinho, segundo a qual já existiam no Latim Vulgar pate e mate analógicas de frate, em que o r caiu por dissimilação total.

b) Dos grupos próprios internos terminados em l distinguimos:

1 — Os grupos cl, fl, pl palatizaram-se em ch quando precedidos de consoante e, em lh quando precedidos de vogal.

masculu > masculu > macho
fasculu > fasculu > facho
macula > mancula > mancla > mancha
inflare > inchar

afflare > achar (não ocorre o grupo fl precedido de vogal; no caso de afflare, o grupo fl é, a rigor, precedido da consoante d que se assimilou, resultando a geminada ff).

implere > encher
scopolu > iscoplu > escolho
oculu > oclu > olho
auricula > ouricla > orelha
apicula > apicla > abelha
macula > macla > malha

2 — Os grupos bl, gl, tl também palatizaram-se em lh, quando precedidos de vogal.

tribulu > triblu > trilho
tegula > tegla > telha
coagulare > coaglar > coalhar
vetulu > vetlu > velho
rotula > rotla > rôlha

11/15/20

NOTAS: 1 — Em palavras correntes nas classes de melhor nível cultural, o L desses grupos passa a R. Ex.: nobile > noble > nobre; regula > regla > regra; obligare > obrigar; diabolus > diablu > diablo (térmo arcaico que está na base do diminutivo diabrete e a do verbo endiabrar).

2 — Parece mais provável que o grupo TL deu, primeiro, o grupo CL, que depois, palatizou-se em LH. Isto se desprende pelo fato de o «Appendix Probi» corrigir: «Velutulus non veclus».

Grupos Impróprios

1 — Os grupos consonantais iniciados por s, impuro, recebem um e protético, sendo que no grupo sc seguido de vogal i-e, o s sofre aférese.

scutu	>	escudo	stella	>	estrêla
scorpione	>	escorpião	stare	>	estar
sponsa	>	espôsa	scientia	>	ciência
spatio	>	espaço	scena	>	cena

2 — Nos grupos de oclusivas mais outra consoante verifica-se:

ps — assimila-se: ipse > êsse; ipsu > isso; gypsu > gêso

ct — vocaliza-se: nocte > noite; octo > oito; respectu > respeito.

pt — vocaliza-se ou assimila-se: conceptu > conceito; acceptu > aceito; conceptione > Conceição; septe > sette > sete; captare > catar > catar.

gn — vocaliza-se ou palatiza-se: regnu > reino; Agnese > Aines; Eines > Inês; lignu > lenho; pugnu > punho; agnu > anho; signa > senha.

cs (=x) — passa-se a ix, is ou ss: saxu > seixo; mataxa > madaixa > madeixa; laxare > leixar (arcaico); sex > seis; dixi > disse; sexaginta > sessaenta > sessenta.

Nos grupos resultantes dos prefixos ad, sub, ab, dá-se a assimilação (raramente a vocalização): absentia > ausência; substare > sustar; subjectu > sujeito; subterrare > soterrar; subjulgare > sojugar (arcaico); advocatu > avogado (arc.); adversu > avêso.

3 — Nos grupos de constrictivas mais outras consoantes verificam-se:

rs — mn — assimilam-se: persicu > pêssego; persona > pessoa; somnu > sono; autumnu > outono;

rb — ib — b — sonoriza-se em v: arbore > árvore; turbare > torvar; carbone > carvão; albu > alvo; silbar > (por sibilare) > silvar

ns — síncope do n: mensa > mesa; mense > mese > mês; ansa > asa.

sc — seguido de e ou i, assimila-se, ou passa a ix: patescere > padecer; merescere > merecer; congoscere > conecer > conhecer; pisca > peixe.

It, Ic, Ip — houve vocalização do l: alteru > altru > outro; multu > muito; falce > fauce > foz; palpare > paupare > poupar.

Os grupos ml e mr resultantes da síncope de uma vogal desenvolvem uma consoante de transição b: simulante > sim'lante > semblante; umeru > um'ru > ombro.

Grupos de Consoantes mais Semivogal (ou I consoante)

Explicação: tomemos a palavra latina miliu e ela terá três sílabas, pois o encontro vocálico final é um hiato: mi-li-u. Este hiato final será desfeito, passando então a ditongo, pois o i consoante será considerado semivogal e a palavra terá duas sílabas: mi-lyu. Nesta sílaba final resultou o encontro da consoante l com a semivogal i. Finalmente o grupo ly palatiza-se em lh = milho.

NOTA: — O I consoante latino passado a semivogal é convencionalmente representado por um Y e recebe o nome de IODE.

1 — Ly — Ny palatizam-se respectivamente a lh e nh.

filiu > filyo > filho
 palea > palya > palha
 consiliu > consilyo > conselho
 ciconia > ciconya > cegonha
 verecundia > verecundya > vergonha
 teneo > tenyo > tenho
 linea > linya > linha
 seniore > senyor > senhor
 aranea > aranya > aranha

2 — Cy — Ty assiblam-se ora para c ora para z.

facio > facyo > faço
 lancea > lancia > lancya > lança

iudiciu > judicyo > juízo
 jaceo > jacyo > jazo
 pretiu > pretyo > preço
 gratia > gratya > graça
 palatio > palatyo > paço > paço
 capitia > cabytya > cabeça
 bellitia > bellitya > beleza
 sperantia > sperantya > esperança

3 — Dy assibila-se para c ou palatiza-se para j

audio > audyo > ouço
 ardeo > ardio > ardyo > arço (arc.)
 verecundia > verecundya > vergonça (arc.)
 insidio > ensedyo > ensejo
 hodie > hodye > hoje
 invidia > invidya > inveja

4 — Gy palatizou-se a j.

fugio > fugyo > fujo
 angelu > angeo > angyo > anjo
 spongia > spongya > esponja

NOTA: — Em certas palavras correntes em classe social de melhor nível de cultura, as consoantes D e G, dos grupos DY e GY, foram tratadas como intervocálicas, sofrendo, portanto, síncope. A justificativa é que a vogal I não passou para IODE, isto é, não se consonantizou.

radiu > radio > raio
 badiu > badio > baio
 navigiu > navigio > navio
 exagiu > exagio > ensaio

5 — Sy — ssy passam respectivamente para ij e ix:

baseu > basiu > basyo > baijo > beijo
 caseu > casiu > casyo > caijo > queijo
 ecclesia > igreja > (arc.) > igreja
 russeu > russiu > russyo > roixo > roxo
 passione > passyone > paixão

NOTA: — Na linguagem corrente observa-se tendência para os seguintes metaplasmos:

1. Sinalefa — consiste na elisão da vogal átona final da palavra diante de vogal inicial da palavra seguinte:

pau d'água
 minh'alma

outrora
 aqueloutro
 mo
 to
 lho
 do, etc.

2. Eclipse — consiste na supressão do “m” final de palavra diante de vogal da palavra seguinte:

com + a = coa com + o = co'o
 com + as = coas com + os = co'os

“O sol é grande; caem co'a (hoje coa)
 calma as aves” (Sá de Miranda).

“... e, perdida a branca e viva côr, co'a doce
 vida” (Camões).

“Onde co'o vento a água se meneia” (Camões).
 Homem essa! = homessa!

NOTAS: 1 — Segundo alguns autores, também é eclipse a elisão do “s” final com vogal inicial de palavra seguinte.

2 — No encontro da preposição “com” com o artigo masculino, normalmente, além da eclipse dá-se a crase:

com + o = co'o > c'o
 com + os = co'os > c'os

“Crendo c'o sangue só da morte indina” (Camões).
 “C'o ferro o duro Pirro se aparelha” (Camões).

3. Os casos de desarticulação, considerados antes vícios de prosódia. Tais casos ocorrem por:

a) Aférese:

tá (por está)
 péra (por espera)
 zé (por José)
 cê (por você)
 inda (por ainda)
 té (por até)

b) apócope ou enurdecimento:

bobage (por bobagem)
 qué (por quer)
 sabê (por saber)
 passá (por passar)
 pô (por pôr)

- c) prótese ou aglutinação:
arrecear
arrenegar
alagoa (por lagoa)
- d) epêntese ou suarabácti:
beneficiência
prazeirosamente
hipinotismo
peneu
iguinorante
opitar
obiter
- e) ditongação:
saudar (sau-dar por sa-u-dar)
mais (por mas)
ruim (ruī por rui-im)
arruinar (ar-rui-nar, por ar-ru-i-nar)
fuzil (fuziu por fuzil)
- f) monotorização:
fêxe, pêsce, frera, dottor, Oropa, Ogênio
- g) palatização:
Antonho (por Antônio)
demonho (por demônio)
- h) despalatização (especificamente Yeísmo):
muié (por mulher)
coié (por colher)
oreia (por orelha)
- i) assimilação:
também (por também), problema.
- j) dissimilação:
pírula (por pílula), estrambólico (por estrambó-
tico), breganha (de braganha)
- l) hipértese:
metereologia, areoportos, largatixa
- m) metátese:
preto (por perto), perguntar
braganha (de barganha), parteleira (por pra-
teleira).

- n) rotacismo:
farta (por falta)
armôço
bardiação
arface
- o) lambdacismo:
flera (por freira)
- p) dissimilação eliminadora:
dibre (por drible, corrupção de drible)
- q) haplogia:
entretimento (por entretenimento)
paralepípedo (por paralelepípedo)
infabilidade (por infalibilidade)
- r) desdobramento:
sintaxe (pronunciado sintacse por sintasse)
máximo (cs por ss)

Obs.: Notável é a supressão por síncope e apócope na palavra "Seu" de Senhor (seu dottor; seu zé; etc.).

QUESTIONÁRIO

- 1 — *Que é consonantismo?*
- 2 — *Qual o tratamento das consoantes surdas em posição inter-vocálica?*
- 3 — *Quais as consoantes finais latinas que se conservaram em Português?*
- 4 — *Qual o tratamento dos grupos consonantais homogêneos, ou consoantes geminadas? Exemplos.*
- 5 — *O Português possui consoantes geminadas? Não? Então como se explica a grafia de carro e cassa?*
- 6 — *Dê exemplos de palatizações ocorridas com os grupos Cl-, Fl-, Pl- iniciais.*
- 7 — *Dê exemplos de palatizações ocorridas com os grupos -bl-, -cl-, -fl-, -gn-, -pl-, -tl- em posição medial.*
- 8 — *Aplicando os conhecimentos de metaplasmos, vocalismo e consonantismo, explicar a evolução dos seguintes vocábulos: auricula — veritate — invidia — inflare — ansa — persicu — cathedra — granu — acetu — sponsa — clamat — afflare — episcopu — flamma — tenere — colore — aurifice.*
- 9 — *Dê o étimo e a evolução das seguintes formas portuguesas: êsse — eu — lua — lembrar — Lisboa — pôr — ombro — pessoa — creio — céu — ôlho — sadio — mão — pé.*
- 10 — *Explique a presença dos dígrafos lh e nh nas palavras abatro: filiu > filho; palea > palha; aranea > aranha; seniore > senhor.*

JUSTIFICATIVA HISTÓRICA DA ORTOGRAFIA PORTUGUÊSA

Divide-se a história da ortografia portuguesa em três períodos distintos: o fonético, o pseudo-etimológico e o simplificado.

1. Período Fonético

Começa com os primeiros documentos redigidos em Português e termina no século XVI. Neste período as palavras eram escritas tal qual eram pronunciadas: honrra (honra), ezame (exame). Também a maneira de escrever variava muito: bem, ben, bê, homem, omem, ome.

2. Período Pseudo-Etimológico

Inicia-se no século XVI e vai até o ano de 1904, quando aparece a Ortografia Nacional, de Gonçalves Viana. Dentro desse período as palavras eram escritas de acordo com a grafia de origem, reproduzindo todas as letras do étimo, embora não fossem pronunciadas: esculptura, asthma, character.

3. Período Simplificado

Principia com a publicação da Ortografia Nacional e chega até nossos dias. A reforma de Gonçalves Viana foi baseada na fonética histórica, daí o sistema simplificado ser o verdadeiramente etimológico. A reforma ortográfica prescrevia:

a) «Proscrição absoluta e incondicional de todos os símbolos da etimologia grega: th, ph, ch (k), rh e y;

b) Redução das consoantes dobradas a singelas, com exceção de *rr* e *ss*, mediais, que têm valores peculiares;

c) Eliminação das consoantes nulas, quando não influam na pronúncia da vogal que as precede;

d) Regularização da acentuação gráfica».

Em 1911, o governo português tornou obrigatório a reforma ortográfica.

Em 1931, as Academias de Letras do Brasil e de Ciências de Lisboa celebraram um acordo ortográfico, visando solucionar as divergências ortográficas entre Brasil e Portugal.

Em 1943, há um novo entendimento entre os dois países, e a Academia Brasileira de Letras publica o **Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**, cuja ortografia é exigida oficialmente até os nossos dias.

Esse sistema simplificado luso-brasileiro de 1943 veio dar soluções a várias indecisões ortográficas, dentre as quais temos:

I — Emprêgo do h

O *h* não tem valor fonético na língua portuguesa, como já não o tinha em Latim. Só o empregamos como inicial quando a etimologia o exige: hoje, haver, hélice.

Como medial só o empregamos em dois casos: como componentes de um dígrafo: *ch*, *lh*, *nh* e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial, se une ao primeiro por meio de hífen: mancha, malha, vinho, pré-história, super-homem.

II — Emprêgo do ch

O *ch*, diagrama inexistente em Latim, é resultante da evolução fonética dos grupos latinos *pl*, *cl*, *fl*: *pluvia* > chuva; *masculu* > masculu > macho; *afflare* > achar.

III — Emprêgo do x

O *x* português corresponde:

a) ao *x* latino: *coxu* > coxo; *laxare* > deixar; *examen* > exame; *exaguare* > enxaguar;

b) à palatização do *s* em grupos como *ssi* ou *sce*: *passione* > paixão; *russeu* > roxo; *pisce* > peixe; *miscere* > mexer.

IV — Distinção entre s e z

Escreve-se com *s*:

a) quando a letra *s* portuguesa corresponde a um *s* latino: *mesa* (*mensa*); *rosa* (*rosa*);

b) os sufixos *esa* e *isa* que indicam títulos nobiliárquicos, profissão: *princesa*, *poetisa*.

Escreve-se com *z*:

a) quando o *z* é resultado evolutivo dos grupos *ti*, *ci* e *ce* latinos: *ratione* > razão; *vicinu* > vizinho; *acetu* > azêdo; *rapace* > rapaz; *cruce* > cruz; *feroce* > feroz;

b) os substantivos abstratos derivados de adjetivo qualificativo: *beleza*, *pobreza*, *robustez*, *altivez*;

c) o sufixo *izar* de origem grega: *organizar*; *civilizar* e seus derivados: *organização*, *civilização*.

V — Emprêgo do ss

O *s* surdo português, quando medial, geralmente provém:

a) de um *ss* latino: *ossu* > osso; *assistire* > assistir;

b) de uma assimilação: *ipse* > êsse; *persona* > pessoa; *dixi* (*dicsi*) > disse.

VI — Emprêgo do ç

O *ç* provém da evolução de *ce*, *ci*, *te*, *ti* latinos seguidos de vogal: *lancea* > lança; *minacia* > ameaça; *matea* > maça; *pretiu* > preço.

VII — Distinção entre g e j

a) o *g* português representa geralmente o *g* latino: *gelu* > gelo; *agitare* > agitar;

b) o *j* português provém:

1. da consonantização do *i* semiconsoante latino: *iactu* > jeito; *iam* > já; *maiestate* > majestade;

2. da palatização do *s* + *i*, ou do grupo *di* + vogal: *basiu* > beijo; *caseu* > queijo; *hodie* > hoje; *radiare* > rajar.

O acordo ortográfico de 1943 manteve a supressão do *k*, *y*, e *w*.

QUESTIONÁRIO

- 1 — Na história da ortografia portuguesa, o que sabe a respeito dos Períodos Fonético, Pseudo-Etimológico e Simplificado?
- 2 — Qual desses sistemas ortográficos é o vigente no Brasil? Desde que ano?
- 3 — Por que escrevemos jeito com j?
- 4 — Justifique a grafia de: azêdo — coração — tristeza — lança.
- 5 — a) explique o ch em:
afflare > achar; implere > encher
capulu > cacho; masculu > macho
b) justifique o x em:
passione > paixão; russeu > roxo
miscere > mexer; pisce > petze
c) explique o dígrafo ss em:
dixi > disse; ipsu > isso
sexaginta > sessenta; persona > pessoa
- 6 — Por que escrevemos hoje com h? Dê 5 formas portuguesas em que haja o h inicial e justifique seu emprêgo.
- 7 — Explique o emprêgo do z final em: audaz — veloz — rapaz — fugaz.
- 8 — Qual a origem do ch português?

MORFOLOGIA HISTÓRICA

Esquema:

- I. Quanto aos nomes — { 1) Os casos
2) As declinações
3) Os gêneros
- II. Quanto aos verbos — { 1) As conjugações
2) Tempos que assumiram novas funções
3) Criações Românicas

I. QUANTO AOS NOMES

1. Os casos

O Latim é uma língua sintética, isto é, exprime as funções sintáticas das palavras por meio de flexões, ao passo que já o Latim Vulgar e as línguas neolatinas são analíticas, isto é, exprimem as funções sintáticas das palavras por elementos prepositivos: artigos e preposições.

É o caso, por exemplo, de:

Latim Clássico	Latim Vulgar	Português
Liber Petri	Libru de Petru	Livro de Pedro

Assim é que no latim literário existem tantas flexões ou desinências, quantas são as funções sintáticas que uma palavra pode receber na proposição.

Explicando melhor: tomemos, por exemplo, a palavra Pedro exercendo as funções de:

	Português	Lat. Clássico
1. Sujeito	Pedro	Petrus
2. Compl. restritivo	de Pedro	Petri
3. Objeto indireto	a Pedro	Petro
4. Objeto direto	Pedro	Petrum
5. Vocativo	ó Pedro	Petre
6. Adj. adverbial	com Pedro ..	cum Petro

A essas desinências correspondentes às diversas funções lógicas dá-se o nome de **casos**. Há então, no Latim Clássico, os seguintes casos:

- a) **Nominativo** — caso do sujeito (discipulus);
- b) **Genitivo** — caso do complemento restritivo (discipuli);
- c) **Dativo** — caso do objetivo indireto (discipulo);
- d) **Acusativo** — caso do objetivo direto (discipulum);
- e) **Vocativo** — caso do vocativo (discipule);
- f) **Ablativo** — caso dos adjuntos adverbiais (discipulo).

Ora, as línguas de origem popular procuram — para maior facilidade — reduzir essas flexões casuais, substituindo-as pelo uso de artigos e preposições.

Redução dos casos. O caso lexicogênico

O resultado dessas reduções foi que apenas dois casos restaram no Latim Vulgar: o **nominativo** e o **acusativo**, ou seja, um caso reto e um caso oblíquo. Aliás, mais rigorosamente podemos dizer que o caso único que restou foi o **Acusativo**, do qual procede a maioria absoluta das palavras portuguesas. É por esta razão que o acusativo é chamado o **Caso Lexicogênico** dos vocábulos de nosso idioma.

As nossas palavras, por exemplo, “verdade” ou “ourives”, não podem provir senão dos respectivos acusativos «veritate» e «aurifice».

Várias foram as causas da redução dos casos latinos. Dois fatores muito contribuíram para a confusão entre os diversos casos: em primeiro lugar, a apócope do **m** característico do acusativo e depois, a perda da distinção quantitativa das vogais.

Exemplifiquemos: Tomando a palavra discípulo, o seu nominativo era no Latim Clássico discipulus e o acusativo discipulum. Ora, uma vez que o Latim Vulgar eliminou as desinências casuais, a palavra se reduziu a discipulu tanto para o nominativo como para o acusativo, e daí a indistinção dos casos. Além disso, se tomarmos a palavra marinheiro temos, no Latim Clássico, nauta com o a final breve no nominativo, no vocativo e no acusativo, mas nos demais casos o a é longo. Perdida, porém, a distinção das quantidades das vogais, resultou no Latim Vulgar mais uma tendência para a confusão ou uniformidade dos casos.

Todavia, segundo Menéndez Pidal «não são estas razões fonéticas, senão outras psicológicas e sintáticas, as que mais contribuíram para a perda da declinação latina. Em geral, a declinação das línguas indo-europeias se conserva menos que a conjugação, porque a substantividade invariável do substantivo não exige a distinção de formas como o verbo que indica ação, progresso, mudança. As relações indicadas pelas desinências casuais são, via de regra, mais vagas que as expressas pelas desinências verbais e necessitam concretizar-se por meio de uma preposição». (Vide Manual de Gramática Histórica Española, pág. 205).

Vestígios dos casos em Português — Como dissemos, o **acusativo** é o caso lexicogênico das palavras portuguesas. Entretanto, temos vestígios de outros casos, como:

1. **Do Nominativo** — os nomes próprios como: Deus, César, Nero, Júpiter, etc. As palavras eruditas como: sóror, serpe, câncer, ladro, virgo, etc. Os pronomes pessoais do caso reto: eu, tu, êle, nós, vós. Os demonstrativos: êste, êsse, aquêle.

2. **Do Genitivo** — as palavras compostas: terremoto (terrae + motu); aqueduto (aquae + duto); agricultor (agri + cultura); jurisprudência (juris + prudentia); uxoricida (uxoris + cida).

Além disso, o genitivo em ici deu origem a alguns patronímicos portugueses. É o caso de Fernandici > Fernandez > Fernandes (filho de Fernando); Soarici > Soarez > Soares (filho de Soeiro).

3. **Do Dativo** — crucifixo (cruci + fixu); mim (mih); ti (tibi); si (sibi); lhe (illi).

4. **Do Ablativo** — agora (hac + hora); fidedigno (fide + dignu); talvez (tali + vice).

2. As declinações

Os substantivos latinos estão classificados em cinco categorias chamadas declinações, cujas características práticas são as desinências do genitivo singular, como seguem:

Genitivo sing.

1a. d. AE	2a. d. I	3a. d. IS	4a. d. US	5a. d. EI
--------------	-------------	--------------	--------------	--------------

Exemplos: nauta-ae (1a. declinação)
servus-i (2a. declinação)
civitas-is (3a. declinação)
manus-us (4a. declinação)
dies-ei (5a. declinação)

Redução das declinações — Entretanto, no latim popular essas declinações reduziram-se a três com perda da quarta e da quinta. A quarta declinação confundiu-se com a segunda, e a quinta incorporou-se parte à terceira e parte à primeira.

Estas confusões têm seus germes nas declinações heteróclitas do próprio latim literário.

Segundo Quintiliano já era dúbia a flexão da palavra *domus* (segunda e quarta declinação).

Segundo Varrão, os nomes de árvores, como *pinus*, *cupressus*, *laurus*, podiam seguir estas duas declinações.

Já em Plauto, Terêncio e Catão encontram-se os genitivos *senati*, *fructi*, *gemiti*, *tumulti*. Assim também havia duvidade de usos já no latim literário entre os nomes da quinta e os da primeira declinação: *materies-ei/materia-ae*; *luxuries-ei luxuria-ae*.

Por isso as palavras *dia* e *raiva* não podem ter provindo de *dies* e *rabies* e sim das formas vulgares *dia* e *rabia*.

Segundo Grandgent os nomes da quinta declinação não terminados em *ies* passaram para a terceira declinação.

Quanto às outras declinações, normalmente se conservaram. Fazem exceções certos neutros imparissílabos da terceira que passaram para a segunda declinação: *os*, *ossis* > *ossum* > *osso*; *vas*, *vasis* > *vasum* > *vaso*; *caput*, *capitis* > *capu* > *cabo*.

Note-se que a nossa palavra *cabeça* vem de um seu derivado *capitia* (confere espanhol, *cabeza*).

3. O gênero dos substantivos. Desaparecimento do neutro

No primitivo indo-europeu o gênero gramatical dos substantivos fundamentava-se no sexo real e por isso os seres inanimados eram do gênero neutro (*neuter* = nem um nem outro).

Tal distinção, porém, tornou-se, funcionalmente falando, uma superfluidade. Daí que já o Grego e o Latim, embora tivessem conservado o gênero neutro, não eram rigorosos no seu uso; vamos encontrar nessas línguas seres inanimados que podiam ser masculinos ou femininos.

Na passagem para as línguas neolatinas, o gênero neutro foi desaparecendo progressivamente e hoje pode-se dizer que, nas línguas românicas, deixou de existir como categoria gramatical.

Causas do desaparecimento do gênero neutro — As causas do desaparecimento do gênero neutro foram — como na redução dos casos — fonéticas (analogia das formas) e psicológicas (desnecessidade da oposição entre o gênero animado e o inanimado).

1. Na primeira declinação não havia nenhum nome neutro; ao contrário, eram quase todos femininos, de tal forma que a terminação «a» passou a ser característica dos nomes femininos.

2. Quanto à segunda declinação deu-se ao contrário: a maioria dos nomes eram masculinos e neutros; destarte a final «o» (acusativo singular sem *m*, passando *u* para *o*) caracterizou o gênero masculino. Ora, os substantivos neutros tendo as desinências identificadas com as dos masculinos, passaram para esse gênero; exemplos: *pratum* > *pratu* > *prado*; *exemplum* > *exemplu* > *exemplo*; *templum* > *templu* > *templo*; *vinum* > *vinu* > *vinho*; *ovum* > *ovu* > *ôvo*; *aurum* > *auro* > *ouro*; etc.

Note-se porém que, sendo o acusativo neutro plural terminado em *a*, ocorreram confusões com o gênero feminino.

É o que se verifica com as palavras usadas com o valor de pluralidade ou de coleção (caso do sufixo *menta*). Exemplos:

ova (plural de *ovum*) > *ova* (f.)
folia (plural de *folium*) > *fôlha* (f.)
gesta (plural de *gestum*) > *gesta* (f.)
interanea (plural de *interaneum*) > *entranha* (f.)
ligna (plural de *lignum*) > *lenha* (f.)
amora (plural de *amorum*) > *amora* (f.)

vestimenta (plural de vestimentum) > vestimenta (f.)
ferramenta (plural de ferramentum) > ferramenta (f.)

3. Quanto à terceira declinação, vimos que alguns nomes neutros, como os, ossis/vas, vasis, passaram para a segunda declinação assumindo o gênero masculino.

Outros terminados em e, como mare, rete, praesepe, ovile, etc., já em Latim alternavam o neutro com a forma do masculino ou feminino, passando para o Português com estes gêneros.

Os neutros terminados em us, como corpus, tempus, pectus, deram em Português nomes em os: corpos, tempos, peitos; só posteriormente adotaram, por analogia, as formas do singular: corpo, tempo, peito.

Como regra geral, porém, os neutros da terceira declinação incorporaram-se também aos masculinos.

Resumindo: os neutros, no Latim Vulgar, tomaram dois caminhos: no singular passaram a masculinos e, no plural, passaram a femininos.

Vestígios do gênero neutro em Português — Como dissemos, o gênero neutro não existe em Português, como categoria gramatical. Entretanto, deixou vestígios nos seguintes casos:

1. Nas formas de pronomes demonstrativos — isto (esta coisa); isso (essa coisa); aquilo (aquela coisa); o (igual a isto ou aquilo) em frases como estas: Disse tudo o que sabia (isto é, aquilo que sabia); Espero que sejas feliz quanto o desejo (isto é, quanto desejo isto, a saber, que sejas feliz).

2. Nas formas de pronomes indefinidos — tudo (tôda coisa); nada (nenhuma coisa); algo (alguma coisa).

3. Nas formas de adjetivo substantivado — o útil (a coisa útil); o agradável (a coisa agradável); o belo (a coisa bela).

4. Nos casos de infinitivos substantivados — aprecio o cantar do pássaro; Fumar não é bom.

5. Quando o sujeito é indeterminado em frases como estas: Limonada é bom; É proibido entrada.

II. QUANTO AOS VERBOS

1. Redução das conjugações

Existem no latim literário quatro conjugações, cujas características práticas são as terminações dos infinitivos, como seguem:

	1a. conj.	2a. conj.	3a. conj.	4a. conj.
infinitivos	ARE	ĒRE	ĔRE	IRE

Note-se que a diferença entre os infinitos da segunda e os da terceira é apenas as quantidades das vogais Ē e Ĕ. Ora, perdida a oposição quantitativa, os verbos da segunda e os da terceira entraram a confundir-se, ou melhor, desapareceu a terceira conjugação.

Os verbos em are, ere, ire, deram respectivamente em português ar, er, ir.

A primeira conjugação é a mais resistente: não apenas não perdeu verbos, mas, ao contrário, recebeu verbos da segunda e da terceira.

Assim: torrēre > torrare > torrar
fidere > fidare > fiar
prosternere > prostrare > prostrar

A segunda conjugação recebeu a maior parte dos verbos da terceira:

Assim: ponēre > poēre > poer (arc.) > pôr
dicēre > dicēre > dizer
facēre > facēre > fazer
scribēre > scribēre > escrever
legēre > legere > ler
capēre > capēre > caber

Note-se que os compostos de ducere e de sequi deram em Português verbos em ir: conduzir; produzir; reduzir; seduzir; perseguir; etc.

Portanto, a quarta conjugação latina deu a terceira em Português.

Note-se ainda que houve mudança de conjugação dentro da própria língua portuguesa. Ex.:

cadēre > cadere > caer (arc.) > cair
corrīgēre > corrigere > correger (arc.) > corrigir

Verbos Anômalos

O verbo esse transformou-se em essere (confere italiano essere, francês être). O português e o espanhol «ser» não vêm de essere e sim de sedere que, originariamente, significava estar sentado.

O verbo posse deu potêre, donde em Português poder.
Os compostos de ferre passaram em geral para a quarta conjugação latina, dando, em Português, verbos em ir. Exs.:

conferre	>	conferire	>	conferir
differre	>	differire	>	diferir
afferre	>	afferire	>	aferir
praeferre	>	praeferire	>	preferir
referre	>	referire	>	referir

Mas os verbos *sufferre* e *offerre* deram também *sufferere* e *offerescere*, donde o português *sofrer* e *oferecer*.

2. Tempos que se perderam ou assumiram novas funções.

Quadro comparativo da conjugação latina com a correspondente portuguesa.

I — Modo Indicativo

Presente	Pret. Imperf.	Futuro Imp.
amo > eu amo	amabam > amava	amabo > (amarei)
Pret. Perf.	Pret. + que Perf.	Futuro Perf.
amavi > eu ameí	amaram > eu amara	amaro > (tereí amado)

II — Modo Subjuntivo

Presente	Pret. Imperf.	Pret. Perf.
amem > eu ame	amarem > (amasse)	amarim > (tenha amado)
Pret. + que Perf.	Futuro	
amassem > (tivesse amado)	× > (eu amar)	

III — Modo Imperativo

Presente	Futuro
ama > ama tu	amato > (×)

Formas Nominais

1. Infinitivo

Presente	{	impessoal = amare > amar
		pessoal = × > (amar eu)
Perfeito	{	impessoal = amasse > (ter amado)
		pessoal = × > (ter eu amado)
Futuro	{	impessoal = amatum esse > (haver de amar)
		pessoal = × > (haver eu de amar)

2. Participio

Presente:	amans	>	(amante, amando)
Passado:	amatus	>	amado
Futuro:	amaturus	>	(×)
Supino:	amatum	>	(×)
Gerúndio:	g.	amandi	> (×)
	d.	amando	> (×)
	ac.	amandum	> (×)
	abl.	amando	> amando
Gerundivo:	amandus-a-um	>	(×)

Concluimos portanto que:

A — Nos tempos do infectum:

1. O futuro imperfeito perdeu a forma correspondente, sendo que a forma *amarei* é uma criação românica.

2. O pretérito imperfeito do subjuntivo perdeu a forma correspondente, sendo que a nossa forma *amasse* é derivada do pretérito mais que perfeito latino (*amassem* > *amasse*); é, portanto, um tempo que assumiu nova função.

Ainda em Vieira temos exemplo do uso do pretérito imperfeito com valor de mais que perfeito «não houve diligências que não fizésseis» (= que não tivésseis feito).

3. O futuro do subjuntivo não existe em Latim. Por isso a nossa forma *quando eu amar* é também uma nova função assumida.

Esta forma é resultante de uma confusão entre o futuro perfeito e o pretérito perfeito do subjuntivo, formas, aliás, quase idênticas no Latim.

4. O imperativo futuro desapareceu em Português, pois usamos para êle o futuro do presente.

Ex.: *Amarás o Senhor teu Deus!*

5. O infinitivo pessoal não existe em Latim, sendo, portanto, outra criação românica, ou melhor, idiotismo do Português.

6. O participio presente assumiu nova função, porquanto, se até em Camões encontramos exemplos de participio presente:

«Atenta a ilha Barém, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas e imitantes
À côr da aurora;»

A partir do século XVI, tal emprêgo é considerado latínismo.

Hoje, o particípio presente se reduz a mero adjetivo: água corrente, resposta urgente; ou a substantivo como: estudante, crente; ou até a preposições: durante, mediante, etc.

Também o particípio futuro perdeu sua forma correspondente no Português; deixou apenas alguns vestígios como em nascituro ou nas formas em «ouro»: vindouro, imorredouro, etc.

7. O gerúndio conservou-se apenas no ablativo, assim mesmo, muitas vezes, com valor de adjetivo por confusão com o particípio presente. Ex.: Vejo crianças colhendo (= que colhem) flôres.

8. O gerúndio também deixou apenas vestígios em formas como estas: vitando, memorando, colendo, venerando, execrando, etc.

9. O supino que é, em Latim, um tempo primitivo em relação aos seus derivados (particípio presente, particípio futuro ativo e infinito futuro ativo e passivo) não deixou vestígios em Português.

B — Nos tempos do perfectum

Perderam as formas correspondentes em Português, assumindo formas compostas:

- O futuro perfeito;
- O pretérito perfeito do subjuntivo;
- O pretérito mais que perfeito do subjuntivo;
- O infinito perfeito.

3. Criações Românicas

1. FUTURO DO PRESENTE E DO PRETERITO

Como vimos a nossa forma de futuro do presente não corresponde à do Latim (compare: amabo, amarei).

É que ao lado da forma normal de futuro (ex. amabo) existiam as locuções verbais formadas do verbo auxiliar habere mais o infinitivo. Ex.:

«De republica nihil habeo ad te scribere». (Cícero ad Att.)

Em Sêneca «quid habui facere» (o que eu tive intenção de fazer).

Nas línguas românicas predominam essas locuções verbais, notando-se que na fase final do Latim Vulgar o verbo auxiliar é posposto ao infinitivo, cantare habeo, daí em Português cantarei.

Futuro do Presente = Infinitivo + Presente de Habere

cantare + habeo > cantar + aio > cantarei
cantare + habes > cantar + ás > cantarás
cantare + habet > cantar + at > cantará
cantare + habemus > cantar + emus > cantaremos
cantare + habetis > cantar + etis > cantareis
cantare + habent > cantar + ant > cantarão

Anàlogamente é formado o futuro do pretérito. Do mesmo modo que se dizia «habeo dicere», tenho a intenção de dizer, assim também se podia expressar «habebam dicere», tinha a intenção de dizer; donde em Português: cantare habebam > cantaria.

Futuro do Pretérito = Infinitivo + Imperfeito de Habere

cantare + habebam > cantar + abeam > cantar + ea
> cantaria
cantare + habebas > cantar + abeas > cantar + eas
> cantarias
cantare + habebat > cantar + abeat > cantar + eat
> cantaria
cantare + habebamus > cantar + abeamus > cantar + eamus > cantaremos
cantare + habebatis > cantar + abeatis > cantar + eatis > cantaríeis
cantare + habebant > cantar + abeant > cantar + eant
> cantariam

2. TEMPOS COMPOSTOS

O Latim literário não possuía forma própria para o perfeito presente; para exprimir uma ação passada cujos efeitos perduram no presente introduziu-se no latim corrente um circunlóquio formado do verbo habere mais o particípio passado do verbo principal. Ex.: Em Cícero lemos: «in ea provincia pecunias magnas collocatas habent» (Têm colocadas nessa província grandes somas de dinheiro) onde a idéia é de presente.

Mas, nem sempre se podia distinguir o perfeito presente do perfeito histórico. Assim no século VI Gregório Turonense escreve: «episcopum invitatum habes» cuja tradução deve ser: convidas-te (e não tens convidado) o bispo.

O uso generalizou-se notando-se que na Península Ibérica predominou o uso do auxiliar tenere por habere donde resultou que no Português, os tempos compostos são regularmente formados com o auxiliar «ter» mais o particípio.

3. O INFINITIVO PESSOAL OU FLEXIONADO

O infinitivo flexionado é um idiotismo do Português, no sentido de que ele não se encontra em nenhuma das outras modernas línguas literárias neolatinas.

Três são as teorias explicativas de seu aparecimento:

A primeira teoria (de Meyer-Lübke) atribui origem analógica ao infinito flexionado. Assim como no futuro do subjuntivo se diz amar, amares, amar, etc.

A segunda teoria (de Leite de Vasconcelos) também é analógica. A construção de frases como: «ter eu saúde é bom»; «ter ele saúde é bom», teria estendido a «teres tu saúde é bom»; «têrmos nós saúde é bom», etc. Essa nova modalidade de infinitivo teria sido ajudada pela flexão do futuro do subjuntivo nos verbos fracos.

A terceira teoria (conta com o maior número de filólogos) sustenta que o nosso infinito flexionado deriva-se diretamente do pretérito imperfeito do subjuntivo latino.

Aliás, do ponto de vista fonético nenhuma dificuldade haveria nessa passagem.

Comparem-se:

Pretérito Imp. Subj.		Infinito Pessoal
amarem	>	amar
amares	>	amares
amaret	>	amar
amaremus	>	amarmos
amaretis	>	amardes
amarent	>	amarem

4. VOZ PASSIVA ANALÍTICA

Finalmente, constitui uma outra apreciável criação românica a voz passiva analítica dos verbos na semântica do infectum.

Explicando: Pertencem à semântica do infectum todos os tempos que trazem idéia não concluída ou perfeita (presente — imperfeito — futuro imperfeito).

No Latim literário estes tempos tinham forma sintética na voz passiva, as quais foram substituídas por formas analíticas no Latim Vulgar.

Exemplos:

Latim Literário		Latim Vulgar
Pres. Indic.	AMOR	Amatus sum
Pres. Subj.	AMER	Amatus sim
Pret. Imp. Ind.	AMABAR	Amatus eram
Pret. Imp. Subj.	AMARER	Amatus essem
Futuro Imperf.	AMABOR	Amatus ero

QUESTIONÁRIO

- 1 — Qual é o Caso Lexicogênico da língua portuguesa? Por que é assim chamado?
- 2 — Por que o plural em Português é feito com s?
- 3 — Dar dois vestígios, no Português, dos casos: nominativo, genitivo, dativo, ablativo.
- 4 — Qual o caso que deu origem aos patronímicos portugueses?
- 5 — A 1.^a, 2.^a e 3.^a declinações do Latim Vulgar correspondem a quais do Latim Clássico?
- 6 — Por que o Português representa o feminino com a e o masculino com o?
- 7 — O que ocorreu com os nomes de gênero neutro do Latim Clássico?
- 8 — As conjugações verbais portuguesas correspondem a quais do Latim Clássico?
- 9 — Qual a formação do futuro do presente e do futuro do pretérito?
- 10 — Dar a justificação histórica da mesóclise na língua portuguesa.
- 11 — Qual a origem do infinitivo pessoal?
- 12 — Por que se diz que o infinitivo flexionado é um idiotismo do Português?

FATOS DEVIDOS À ANALOGIA

Analogia é o princípio pelo qual a linguagem tende a nivelar formas irregulares e menos gerais a outras mais conhecidas e gerais.

Nesse processo de nivelação dos vocábulos a analogia toma por base a semelhança fonética, morfológica ou semântica existente entre eles.

Dai a divisão da ação analógica na fonética, na morfologia e na semântica.

1. NA FONÉTICA

O acento tônico do pretérito imperfeito do verbo esse latino era: **éram, éras, érat, erámus, erátis, érant**. Em Português o acento da primeira e segunda pessoas do plural, por influência das demais, passou a ser: **éramos, éreis**.

A palavra **campa**, portuguesa, deveria ser pronunciada **campã**, de acôrdo com o seu étimo latino **campâna**. Mas por analogia a **campo**, deslocou o acento tônico.

2. NA MORFOLOGIA

Como os nomes de tema em **a eram**, geralmente, femininos, o **a** tornou-se a característica desse gênero em Português. Pelo fato de terminarem em **a**, alguns nomes gregos masculinos foram considerados femininos na língua arcaica: **clima, cometa, planêta, mapa, fantasma**.

Alguns nomes, que no português arcaico eram uniformes, tomaram por analogia, no feminino, a desinência **a**. São os nomes terminados em: **ês, nte, or, ol**: português (**a**), infante (**a**), senhor (**a**), espanhol (**a**).

Nas formas verbais, desde o Latim, são freqüentes as criações analógicas. Assim, os verbos da terceira conjugação latina passaram para a segunda por analogia.

O infinitivo latino *posse* transformou-se, por analogia ao seu pretérito *potui*, em *potere*, donde a nossa forma *poder*.

No antigo Português, os verbos *mentir*, *sentir*, *arder*, *de mentire*, *sentire*, *ardere*, tinham, na primeira pessoa do indicativo e em tôdas do subjuntivo, um *g*, oriundo da evolução fonética dos grupos *ti* e *de + vogal*: *mentio* > *menço*; *sentio* > *senço*; *ardeo* > *arço*. Depois, por analogia com as outras pessoas do indicativo, passaram a *menço* > *mento*; *senço* > *sento*; *arço* > *ardo*. Mais tarde, deu-se a metáfora: *mintio*, *sintio*, etc.

As formas *despido* e *impido* passaram a *despeço* e *impeço* por analogia a *peço*.

3. NA SEMÂNTICA

Semântica é o estudo da significação das palavras e das mudanças que tais sentidos sofrem através do tempo e do espaço.

Devido à semelhança ou afinidade entre certos seres, a analogia faz com que se empregue um mesmo termo significativo a esses seres semelhantes, ou afins. Essa traslação de sentido de uma coisa para outra constitui a base da metáfora.

Assim, ao bonde vermelho e fechado dá-se o nome de *camarão*; se um indivíduo é pouco inteligente, chamam-no *burro*; se canta bem, *rouxinol*. E, por analogia aos órgãos do corpo humano, diz-se *pé de mesa*; *braço de rio*; *bôca da ponte*; *língua de fogo*; *dentes do pente*; *garganta da montanha*, etc.

FORMAÇÃO DO VOCABULÁRIO PORTUGUÊS

A língua portuguesa, sendo um estado evolutivo do idioma latino, tem, como fonte principal do seu léxico, o Latim. É ele, portanto, que contribui com a maior parte dos vocábulos pertencentes, hoje, ao patrimônio lingüístico português.

Mas, não só de vocábulos de origem latina é constituído o nosso léxico. Existem, ao lado deles, outras palavras de procedências diversas.

Para o estudo das fontes do léxico português, podemos tomar por base o domínio romano na Península Ibérica. Assim, pode-se adotar a seguinte divisão:

I — Vocábulos pré-latinos

{ Ibéricos
Celtas
Fenícios
Cartagineses
Gregos

II — Vocábulos latinos

III — Vocábulos pós-latinos

{ Germânicos
Árabes
Provençais
Franceses
Espanhóis
Italianos
Inglêses
Asiáticos
Africanos
Americanos
etc.

I — VOCABULOS PRÉ-LATINOS

1. **Ibéricos** — São poucos e, ainda assim, de origem discutida: arroio, baía, balsa, bezerro, bizarro, cama, esquerdo, morro, sapo, sarna; os sufixos: arra, erro, orro (bocarra, naviarra).

2. **Celtas** — A influência celta na língua portuguesa manifesta-se mais na fonética que no vocabulário: brio, caminho, camisa, carro, grama, légua, raio, touca, Coimbra, Bragança.

3. **Fenícios e Cartagineses** — Os fenícios e cartagineses falavam a mesma língua. Quase nada legaram ao Português: barca, mapa, saco, e, segundo Adolfo Coelho, Lisboa.

4. **Gregos** — Da época anterior aos romanos temos: bôlsa, cara, cola, governar, etc. Mais tarde, com o advento do cristianismo, várias palavras gregas se difundiram: anjo, apóstolo, bispo, bíblia, crisma, diabo, diocese, paróquia. E, ainda, ao grego que, a partir do século XVI, os eruditos recorrem para a formação de neologismos para a técnica e Ciência. São os chamados **helenismos**: anódino, fonema, homeopata, microscópio, telefone, telepata.

II — VOCABULOS LATINOS

Antenor Nascentes calculou na proporção de mais de oitenta por cento de vocábulos latinos na língua portuguesa. O Latim é, pois, a fonte principal do nosso léxico.

Os elementos latinos compreendem três grupos:

1. palavras populares;
2. palavras semi-eruditas;
3. palavras eruditas.

1. **Populares** — São as que entraram para o romance em época antiqüíssima e sofreram tôdas as transformações fonéticas próprias da língua popular.

malha: macula > macla > malha

A passagem do grupo *cl* a *lh* denuncia a sua origem popular.

2. **Semi-eruditas** — São as que entraram na língua nos primórdios da época literária, sofrendo, ainda, algumas transformações fonéticas, porém menores que as populares.

humanidade: humanitate > humanidade

A permanência do *i* pretônico denuncia influência erudita enquanto que a sonorização das surdas intervocálicas é uma influência popular.

3. **Eruditas** — São palavras que entraram para o Português trazidas diretamente do Latim Clássico, a partir do século XIV, e principalmente no século XVI, com o Renascimento. Esses vocábulos são os chamados **latinismos**, e, ao passarem para o Português não sofreram transformações fonéticas, a não ser ligeira acomodação à língua.

flama: flamma > flama

auscultar: auscultare > auscultar

solitário: solitariu > solitário

III — VOCABULOS PÓS-LATINOS

1. **Germânicos** — Os germanismos são, em geral, referentes à arte militar, utensílios, etc. adubar, arreio, agasalho, barão, banco, canivete, esgrima, elmo, galardão, guerra, marchal, orgulho, rico, trégua. Os quatro pontos cardeais: norte, sul, leste, oeste. Alguns nomes próprios: Ataulfo, Frederico, Godofredo, Rui.

2. **Árabes** — A influência árabe se manifesta no vocabulário bastante numeroso: são os arabismos. A maioria se reconhece pelo artigo invariável: al cujo *l* é assimilado antes de *r*, *z*, *c*, *d*.: açougue, arroz, azeite, álcool, alface, alfazema, alfafa, alfinete, álgebra, algema, algodão, alqueire, café, mesquinho, refém, xarope, xadrez, zero; a interjeição oxalá (queira Alá); o pronome fulano.

3. **Provençais** — As palavras desse idioma penetraram no Português arcaico por influência da poesia provençal bastante imitada pelos trovadores portugueses: alegre, anel, jo-gral, trovador.

4. **Franceses** — A língua francesa é, dentre tôdas, a que mais tem influído na portuguesa, desde o século XVII. Isto devido à grande influência exercida pelas letras francesas sobre a cultura portuguesa. São inúmeros os francesismos ou galicismos no nosso idioma: abajur, aléia, ancestral, apartamento, assassinato, atelier, avalanche, avenida, banal, bicicleta, blague, buquê, cabina, chance, chofer, comitê, detalhe, elite, envelope, feérico, felicitar, fetichismo, flamar, governante, greve, maquete, menu, nuance, omelete, reclame, restaurante, revanche, silhueta, toaleta, tricô, valise, vitrina.

5. **Espanhóis** — São calculados em mais ou menos 400 espanholismos na língua portuguesa: bolero, castanhola, cava-

lheiro, colcha, cordilheira, façanha, fandango, frente, hediondo, lhana, mantilha, neblina, novilho, pandeiro, pastilha, picaresco, realejo, rebelde, redondilha, sainete, trecho.

6. **Italianos** — Os italianismos, na maioria, são relativos à arte de pintura, música, poesia, teatro; adágio, aquarela, ária, bandolim, camarim, cenário, concêrto, dueto, maestro, madrigal, piano, serenata, solfejo, sonata, sonêto, soprano, tenor, violoncelo. São ainda de origem italiana: alerta, arlequim, balcão, banquete, boletim, carnaval, confete, festim, fiasco, gazeta, macarrão, mortadela, palhaço, pastel, piloto, poltrona, salame, salsicha, sentinela, talharim, tómbola.

7. **Inglêses** — Os anglicismos são também em número bastante elevado, graças às relações comerciais e políticas: bar, basquetebol, bife, clube, dólar, escoteiro, esporte, futebol, gim, grogue, iate, jóquei, júri, lanche, bonde, macadame, panfleto, piquenique, pudim, recital, repórter, revólver, sanduíche, teste, túnel, turfe, uisque.

OUTROS ELEMENTOS

Alemão — bismuto, cobalto, gás, manganês, vagão, valsa, vermute, zinco.

Russo — bolchevique, czar, czarina, escorbuto, estepe, rublo, vodca.

Polonês — mazurca, polca.

Turco — casaca, caviar, cossaco, gaita, horta, paxá, sandália.

Holandês — espuma, quermesse.

Africano — banana, banjo, girafa, macaco, moleque, zebra.

Americanos

a) **Antilhas** — canoa, colibri, furacão, tabaco.

b) **Chile** — abacate, cacau.

c) **México** — tomate, batata.

d) **Peru** — alpaca, charque, mate, vicunha.

e) **Brasil** — a contribuição brasileira será estudada posteriormente.

Pérsia — bazar, divã, paraíso, tafetá, tulipa, turbante, anil, azul, jasmim.

Malásia — bule, bambu, catre, jangada, jaca, manga, pires.

Japão — biombo, gueixa, leque, quimono.

China — chá, chávena, ganga, tufão.

Sânscrito — avatar, jambo, sândalo, suarabácti.

As palavras não latinas do vocabulário português classificam-se em: hereditárias, empréstimo e estrangeirismos.

Palavras hereditárias — são as que já pertenciam à língua portuguesa quando ela começou a adquirir fisionomia própria, isto é, de suas origens até o século XII. São, pois, o substrato lingüístico peninsular (ibéricos, celtas, fenícios, cartagineses, gregos), os germanismos e os arabismos.

Empréstimos — são vocábulos que entraram para o Português depois de formada a língua, a fim de suprir as deficiências do idioma ainda incipiente. Limitam-se do século XII ao XVI.

Estrangeirismos — são palavras de outras línguas que entraram para o português já na fase moderna, isto é, a partir do século XVI.

Os estrangeirismos de maior número na língua portuguesa são os galicismos, os espanholismos, os italianismos e os anglicismos.

QUESTIONARIO

- 1 — *Dar a procedência das seguintes palavras: guerra, arroio, caminho, barca, anjo, refém, álgebra, jogral, vitrina, pandeiro, bar, gás, escorbuto, quermesse, banana, furacão, abacate, batata, anil, bule, chá, sândalo.*
- 2 — *Definir e exemplificar: palavras populares, eruditas e semi-eruditas.*
- 3 — *Definir e exemplificar latinismos e helenismos.*

O PORTUGUÊS DO BRASIL. CONTRIBUIÇÃO BRASILEIRA PARA O LÉXICO DA LÍNGUA

Descoberto o Brasil, o idioma português foi para aqui trazido pelos colonizadores.

Por muito tempo o tupi-guarani, língua indígena do Brasil, resistiu à língua invasora. Para essa resistência concorria o fato de os missionários terem de aprender o falar dos silvícolas a fim de catequizá-los ou entabolar negociações. O jesuíta, José de Anchieta, chegou a compor uma gramática da língua tupi impressa em Coimbra, em 1595.

Mas, à medida que foi aumentando o número de colonizadores, o Português, língua culta e bastante expressiva, foi conseguindo se sobrepor à Língua Geral (tupi + português) até tornar-se a língua padrão que conhecemos, acrescida, mais tarde, de elementos africanos.

Não obstante apresentarem, o Português do Brasil e o de Portugal, algumas diferenças entre si, essas diferenças não são suficientes para se considerar uma língua brasileira em contraposição à Língua Portuguesa, pois, como disse Adolfo Coelho, «a língua do grande império da América Meridional não se afasta senão nalgumas peculiaridades de importância secundária do Português da Europa».

Vejamos, sucintamente, quais são essas peculiaridades diferenciadoras:

I — NA FONÉTICA

1. Desconhecemos o â quase ê dos portugueses: Mãria, bácia.

2. Em Portugal dão valor de u e i ao o e e átonos: urelha, culégio, «Eu i u Juão».

3. O ditongo ei em Portugal equivale a âi: bâijo, câijo, pâixe.

4. No falar lusitano há um e ou i paragógicos nas terminações l e r: male (mal); quere (quer); soli (sol); Manuêli (Manuel).

5. Em algumas partes de Portugal troca-se o b pelo v e vice-versa: bou (vou), bento (vento), vurro (burro).

6. O Português do Brasil é lento, suave, com os sons vocálicos bem audíveis, enquanto que o de Portugal é áspero, e quase não se ouve a dicção das vogais: f'char (fechar), P'reira (Pereira), vir's (vires).

II — NA SINTAXE

1. Preferência, no Brasil, pela preposição em em lugar de a:

Brasil	Portugal
estar na janela	estar à janela
chegar em casa	chegar à casa

2. Preferimos o gerúndio ao infinitivo com a:

Brasil: está chovendo
Portugal: está a chover

3. No falar descuidado o brasileiro usa o pronome oblíquo mim como sujeito do infinitivo: «para mim ver»; «traga o jornal para mim ler».

4. No Brasil inicia-se a frase com o pronome oblíquo:

Brasil: me dá um café.
Portugal: dá-me um café.

O professor João Ribeiro é de opinião que há uma razão sentimental nesse tipo de construção: dá-me, traga-me soa mais como uma ordem, com arrogância, enquanto me dá, me traz, é um pedido, traduz ternura.

III — NA SEMÂNTICA

Brasil	Portugal
açougue	talho
bala	rebuçado
bonde	elétrico

fumo	tabaco
môça	rapariga
necrotério	morgue
ordenança	impedido
sorvete	neve, gelado
trem	combóio

Contribuição Brasileira para o Léxico da Língua

Souza Oliveira diz: «A nossa língua nacional é, em substância, a portuguesa, modificada na pronúncia, com leves e pouco numerosas alterações sintáticas, mas copiosamente opulenta no léxico pelas contribuições indígenas e africanas e pelos produtos da criação interna».

Vejamos, pois, quais os elementos de procedência tupi e africana, que vieram enriquecer o Português no Brasil.

1 — ELEMENTOS TUPIS

Antropônimos — Araci, Iracema, Guacira, Peri, Jurema, Ubirajara, Jandira, etc.

Topônimos — Guaratinguetá, Jundiá, Itu, Guanabara, Paquetá, Pará, Paraná, Tietê, Catanduva, Botucatu, etc.

Na fauna — araponga, arara, capivara, curió, gambá, jacaré, lambari, saracura, sucuri, tamanduá, tatu, urubu, etc.

Na flora — abacaxi, carnaúba, cipó, guabiroba, ipê, jabuticaba, mandioca, sapé, jacarandá, etc.

Alimentos, Utensílios, Crenças, Fenômenos — arapuca, caipira, curupira, jacá, piracema, pororoca, moqueca, saci, etc.

2 — ELEMENTOS AFRICANOS

Topônimos — Bangu, Caxambu, Guandu, Muzambinho, Quilombo.

Crenças e práticas rituais — mandinga, macumba, candomblé, Iemanjá, muamba, etc.

Alimentos e Bebidas — cachaça, cuscuz, quibebe, munguzá, quindim, vatapá, etc.

Flora e fauna — dendê, jiló, camundongo, marimbondo, etc.

Utensílios e costumes — maxixe, batuque, berimbau, tanga, etc.

QUESTIONARIO

- 1 — Dentre as diferenças entre o Português do Brasil e o Português Europeu citar duas na fonética, duas na sintaxe, duas no vocabulário.
- 2 — Separar as palavras de origem africana das de origem tupi: lambari, jiló, jacá, caipira, marimbondo, piracema, jacaré, mumba.
- 3 — Temas para discussão: "O dialeto brasileiro"; "A língua brasileira".

ARCAÍSMOS

Arcaísmos são palavras ou expressões que deixaram de ser usadas na linguagem moderna.

«Basta abrir, diz Adolfo Coelho, um monumento de nossa antiga literatura, comparar um trecho dum autor do século XIII, XIV ou XV com um trecho dum autor dos séculos seguintes para a cada passo vermos inovações e ao lado delas o desaparecimento de muitas particularidades antigas.»

As expressões da língua, as mutações são lentas. Darmester explica-os assim: «Uma geração de homens, num dado momento, começa a abandonar tal palavra, representando por outra a idéia que ela designa; a geração seguinte conhecê-la-á ainda menos, e virá um instante em que ela só será conhecida dos velhos que, dentro em pouco, a levarão consigo para o túmulo».

As causas que determinam a arcaização das palavras são várias:

1. O desaparecimento das instituições, costumes e objetos a que elas se referiam: alcaide, bucelário, catapulta, feudal, suserano, vassalo.
2. O neologismo: asinha (depressa), arceirice (astúcia), punçante (pungente).
3. O eufemismo: manceba (concubina), parir (dar à luz), tratante (negociante), feder, (cheirar mal).
4. O sentido especial dado a certas palavras como: físico (médico), manha (dote de espirito).

Os arcaísmos são encontrados no léxico, na fonética, na morfologia, na sintaxe.

I — ARCAÍSMOS LÉXICOS

abondo = suficiente	leixar = deixar
asinha = depressa	nado = nascido
cafuso = por acaso	palmeirim = peregrino
coita = aflição, pena	sages = prudente
chus = mais	vianda = carne
ande = daí	velas = sentinelas
filhar = tomar	

II — ARCAÍSMOS FONÉTICOS

1. O moderno ditongo final *ão* era representado por *om*: *amarom*, *divisom*.

2. Era freqüente o uso do hiato, que mais tarde se desfez por crase, ou alargamento: *seer* (*ser*), *poboo* (*povo*), *creo* (*creio*), *fea* (*feia*).

3. O moderno sufixo *vel* tinha as formas *vil* ou *bil*: *terribil* (*terrível*), *amávil* (*amável*).

4. Permanecia a nasalização por síncope do *n* intervocálico: *lũa*, *vío*, *ũa*.

III — ARCAÍSMOS MORFOLÓGICOS

1. Os nomes terminados em *or*, *ol*, *ês*, *ote*, eram uniformes: *mia senhor*, *mulher espanhol*, «*a nossa português e casta linguagem*» (Antonio Dinis da Cruz e Silva).

2. Algumas palavras tinham gênero gramatical diverso no Português arcaico: *fim*, *mar*, *mapa*, *planêta*, *cometa* eram femininos. *Tribo*, *coragem*, *linguagem* eram masculinos.

3. O particípio passado da segunda conjugação era em *udo*: *perdudo*, *temudo*.

IV — ARCAÍSMOS SINTÁTICOS

1 — Emprêgo de duas negativas proverbiais: «*Ninguém non sabia*».

2 — Emprêgo de *ome* como pronome indefinido: «*Ome non podia mostrar*».

3 — Uso de *cujo* como interrogativo: «*Cuja é esta glória?*»

4 — Uso abundante de pleonasmos: «*Oje en este dia*». «*Boas bondades*».

5 — Períodos extensos, colocação livre das palavras na frase, pouca acentuação.

QUESTIONÁRIO

1 — *Que são arcaísmos?*

2 — *Como se explica a arcaização das palavras?*

3 — *Dar dois exemplos de arcaísmos léxicos, fonéticos, morfológicos e sintáticos.*

ÍNDICE

Apresentação	7
Introdução	
Conceito de: linguagem, língua e dialeto	9
O Dialeto Brasileiro	11
O Indo-Europeu	12
A Língua Latina	
Latim Clássico	14
Latim Vulgar	14
Baixo — Latim	14
Latim Bárbaro	14
Fontes de conhecimento do Latim Vulgar	16
Diferenças entre o Latim Clássico e o Latim Vulgar .	17
Formação Histórica da Língua Portuguesa	
Origem da Língua Portuguesa	19
Romanização da Península Ibérica	20
Dialetação do Latim Vulgar	21
História da Língua Portuguesa	22
Fundação do Condado Portucalense	22
O Galego — Português	22
Fases da Língua Portuguesa	25
Domínio geográfico da Língua Portuguesa	26
As Línguas Românicas	
Origem das línguas românicas	29
Conceito de Romances	29
	107

Noções Elementares de Fonética Histórica	
Vogais	31
Consoantes	33
Metaplasmos	35
Vocalismo	
Quadro comparativo entre as vogais tônicas no Latim Clássico e no Vulgar	51
Vogais átonas: pretônicas e postônicas	53
Estudo dos ditongos	54
Causas da ditongação	55
Estudo dos hiatos	56
Consonantismo	
Consoantes simples	57
Grupos consonantais	59
Grupos homogêneos	59
Grupos próprios iniciais	60
Grupos próprios mediais	60
Grupos impróprios	62
Grupos de consoantes mais semivogal	63
Formas divergentes e convergentes	
Causas das formas divergentes	69
Corrente popular	69
Corrente erudita	70
Corrente estrangeira	70
Formas convergentes	70
Causa única das formas convergentes	71
Justificativa histórica da ortografia portuguesa	
Períodos: fonético, pseudo-etimológico e simplificado	73
Morfologia Histórica	
Os casos latinos	77
Redução dos casos: O caso lexicogénico	78
Vestígios dos casos em Português	79
As declinações	80
Redução das declinações	80

O gênero dos substantivos. Desaparecimento do gênero neutro	81
Vestígios do gênero neutro em Português	82
Redução das conjugações	82
Tempos que se perderam ou assumiram novas funções	84
Quadro comparativo da conjugação latina com a conjugação portuguesa	84
Criações românicas	86
Futuro do presente e do pretérito	86
Tempos compostos	87
O infinitivo pessoal ou flexionado	88
A voz passiva analítica nos tempos do infectum ...	88

Fatos devidos à analogia

a fonética	91
Na morfologia	91
Na semântica	92

Formação do vocabulário português

Vocábulo pré-latinos	94
Vocábulo latinos: palavras populares, palavras semi-eruditas	94
Vocábulo pós-latinos	95
Palavras hereditárias	97
Empréstimos	97
Estrangeirismos	97

O Português do Brasil. Contribuição brasileira para o léxico da língua

Diferenças entre o Português do Brasil e o de Portugal	99
Elementos tupis	101
Elementos africanos	101
Arcaísmos	103

IMPRESSO NA TIPOGRAFIA CANISIO DA AÇÃO
SOCIAL - R. VERGUEIRO, 105 - FONE: 278-0304 - SÃO PAULO

Biblioteca Cen

DEVOLVA
Devolva ou renove este livro onde foi efetuado o empréstimo e a data de devolução

Data de devolução

18 MAI 2025

NOÇÕES DE LITERATURA BRASILEIRA

Y. Fujyama

10.^a edição, 1971 — revista e atualizada

Obra que oferece, em termos didáticos, uma visão panorâmica e completa da literatura brasileira, do século XVI à atualidade. Estudo dos autores e obras subordinado aos métodos pedagógicos mais modernos, em linguagem clara, objetiva. Inúmeras transcrições de poemas, trechos de prosa, apreciação valorativa dos críticos mais renomados ilustram todos os períodos histórico-literários. Compêndio indispensável aos que desejam inteirar-se da nossa realidade literária do passado e do presente, e destinado especialmente aos alunos do 2.^o ciclo secundário e aos candidatos a vestibulares.

NOÇÕES DE LITERATURA PORTUGUESA

Y. Fujyama

6.^a edição, 1971 — revista e atualizada

Obra que complementa **Noções de Literatura Brasileira**, estudando, em termos igualmente didáticos, os mais expressivos momentos da literatura irmã da brasileira, seus autores mais representativos, apreciação crítica de suas obras marcantes. Abrange oito séculos de atividade literária da pátria de Camões, rematando com a apresentação dos poetas que estrearam no decênio de 1950 e que representam a vanguarda do lirismo português contemporâneo. Livro igualmente destinado aos alunos do 2.^o ciclo secundário e aos candidatos a vestibulares.

COLEÇÃO DE PORTUGUÊS

PARA O NÍVEL MÉDIO

ESTUDO DIRIGIDO DE PORTUGUÊS

(1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª séries)

REINALDO MATHIAS FERREIRA

PORTUGUÊS ATRAVÉS DE EXERCÍCIOS

FERNANDO DOS SANTOS COSTA E

TELMO CORREIA ARRAIS

PARA O COLEGIAL E VESTIBULARES

NOÇÕES DE LITERATURA PORTUGUÊSA

Y. FUJYAMA

NOÇÕES DE LITERATURA BRASILEIRA

Y. FUJYAMA

GRAMÁTICA HISTÓRICA

DOLORES G. CARVALHO E MANOEL

NASCIMENTO